
3 1761 06184600 2





BIBLIOTHECA DRAMATICA
da REVISTA THEATRAL

N.º [illegible]

Alcacer-Kibir

DRAMA HISTORICO, EM VERSO, EM [illegible] ACTOS

ORIGINAL

DE

JOÃO DA CAMARA

([illegible])



LISBOA
REVISTA THEATRAL
RUA DO [illegible]
Antiga casa Bertrand — Editora
[illegible]

Alcacer-Kibir

Drama em 5 actos,
em verso
representado pela primeira vez no Theatro de D. Maria II
em 14 de Março de 1891



BIBLIOTHECA DRAMATICA
DA REVISTA THEATRAL
N.º [illegible]

Alcacer-Kibir

DRAMA EM 5 ACTOS, EM VERSO

ORIGINAL

POR

JOÃO DA CAMARA

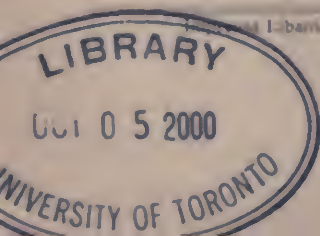
LISBOA
REVISTA THEATRAL
Rua do Carmo, 7[illegible]
Antiga casa Bertrand — Editora
1895

ACTORES

El-rei	A. Pinheiro
Cabral	Ferreira da Silva
D. Fuas	E. Brazão
Conde d'Orna	J. Rosa
D. Guido	E. Magalhães
Beltrão	A. Rosa
Gaspar	A. Antunes
Vasco da Silveira	C. Posser
Martim Affonso	Bayard
João de Castilho	J. Ferreira
Christovam de Tavora	C. Rocha
Pedro	J. Costa
O estalajadeiro	A. Bravo
Um familiar do Santo officio	C. O' Sullivand
Maria	Virginia
Antonia	Rosa Damasceno
Caterina	A. Bredlind
Sancha Mocho	A. Vianna
A estalajadeira	A. O' Sullivand

Homens e mulheres do povo, soldados,
familiares do Santo officio, etc.
Almeirim, 1578.

Livraria da Silva, Rua do Norte, 91 — Lisboa.





Alcacer-Kibir

ACTO I

Um grande largo em Almeirim. No primeiro plano á esquerda uma pequena egreja, tendo á frente, mais proximo do espectador a torre dos sinos, com a corda pendente. No segundo plano a estalagem. Rez do chão e 1.º andar, na frente um poço; junto á casa uma parreira. Sob a parreira mesas, bancos, etc. Do lado direito a casa de Gaspar Montoia. Varanda no 1.º andar. Ao fundo arvores e vallado. Por detraz o campo vasto. Entre as casas e o vallado, caminho praticavel.

SCENA I

O ESTALAJADEIRO, A ESTALAJADEIRA, CATERINA, PEDRO, HOMENS E MULHERES DO POVO

O ESTALAJADEIRO

Vamos, amigos, vinho!... E Deus ha de apiedar-se
Rir! que é de festa o dia!

UMA MULHER

O riso é mau disfarce

Mais se chora depois!

OUTRA MULHER

O meu querido neto!...

Lá vai tambem!

PEDRO, *muito alegre*

Vai tudo!

UM HOMEM

O mal será completo.

SEGUNDA MULHER

Ah! que Deus não destrua Africa e seus engodos!

OUTRO HOMEM, *com resignação irónica*

Assim será melhor. Se um chora, choram todos.

O ESTALAJADEIRO

Mas chorar para quê? Beber, comer e andar!

Para um dos homens que está bebendo

Que tal o vinho, ó mano?

PRIMEIRO HOMEM

E' bom.

O ESTALAJADEIRO

Vai devagar.

SEGUNDO HOMEM

Devagar vai-se ao longe.

Para Caterina que está conversando com Pedro

Olá, cachopa! Vinho!

CATERINA

Lá vou, lá vou!

Entra na taberna.

SEGUNDO HOMEM

Feliz que não vaes ser, Pedrinho!
Teu sogro muito rico, a noiva uma belleza!

PRIMEIRO HOMEM

Achaste em Almeirim thesoiros de Veneza!

SEGUNDO HOMEM

Um campino! Um ganhão! Porque arte ou manhas soube
A fortuna prender que noiva assim lhe coube?

PEDRO

Dobra essa lingua, mano! Eu fui, bem sei, cabreiro,
Mas ou morro na guerra, ou volto cavalleiro!

A ESTALAJADEIRA

Sonhos! Sonhos!

CATERINA, *entrando*

O vinho!

SEGUNDO HOMEM, *abraçando-a*

E agora, tonta, és minha!
O Pedro dá licença... Um beijo cachopinha!

SCENA II

Os mesmos e Beltrão

Beltrão, *entrando*

Tu, velho, vais beijando as raparigas ternas!
Vês longe... Parabens! Mal te sustens nas pernas,
A tua bocca é negra e cheira a cemiterio...
Mas vae beijando, vae!... Serás um noivo serio,
O melhor, quando, longe, em guerras contumazes,
Aos bichos derem bodo os corpos dos rapazes.

Pedro, *correndo contra Beltrão*

Ave d'agoiro, cala a bocca peçonhenta!

A estalajadeira

Ladrão!

Primeira mulher

Vibora!

Segunda mulher, *para Pedro*

Atira um jarro d'agua benta
A' cara do possesso!

Primeira mulher

Infame!

A estalajadeira

Cão!

Pedro

Judeu!

Beltrão

Christão velho, alto lá! meu bisavo nasceu

Cedo, um dia hei de rir para inda mais ralar-vos.
Para Pedro
Tu, Pedro, segue o trilho á recova dos parvos.

PRIMEIRO HOMEM

Falar da guerra assim!

SEGUNDO HOMEM

Da nossa guerra santa!

PRIMEIRA MULHER

Que tanta dôr nos custa!

SEGUNDA MULHER

E tanta vida, tanta!

ESTALAJADEIRO

Onde chegas, Beltrão, ninguem come nem bebe!
Para que é discutir? Nenhum de nós percebe
Se a guerra é boa ou má.

SEGUNDA MULHER

Quantos homens perdidos!
Sem filhos tantos paes! Mulheres sem maridos!

PRIMEIRA MULHER

No campo em vez do trigo hão de crescer os cardos.

BELTRÃO

Pombinhos socegae; não faltarão bastardos.

SCENA III

Os mesmos, Gaspar e Maria

Maria, *entrando*

Meus irmãos, Deus vos salve!

Caterina, *correndo a abraçal-a*

A nosa linda joia!

Já tardava... Onde foi?

Comprimentando Gaspar

Senhor Gaspar Montoia...!

Maria

Andei pensando em ti...

Caterina

Sim?... O enxoval?

Maria

Segredo!

Estalajadeira

Pois foi pena não vir vossa mercê mais cedo.

Apontando para Beltrão

Esse homem, quando a vê, retem por seu respeito
A peçonha da fala a requeimar-lhe o peito.

Segundo homem

O que elle aqui nos disse!

Segunda mulher

A rir-se da virtude!

Maria

Coitado! Desculpae-o.

Approximando-se de Beltrão e tocando-lhe no hombro:

Adeus, Beltrão.

Beltrão, *rudemente, sem olhar para Maria*

Saude!

Vae sentar-se nos degraus da egreja, comendo um bocado de pão.

Gaspar

Mas vós o que sabeis com respeito á toirada?

Pedro

Dez toiros haverá... Por Deus! Não ser eu nada...!
Ao menos escudeiro! El-Rei se lá me visse...!

Estalajadeira

Cala a bocca, meu genro.

Caterina

E deixa essa tolice.

Gaspar

Entra na festa El-Rei correndo alguns garraios.

Pedro

Tão negros como a noite e leves como raios!
Bella festa! mas Deus nol-as dará mais bellas,
Quando eu voltar da guerra ao som das charamellas!

Maria

Aqui veem almoçar e ver passar os bois
D. Guido...

Beltrão

Mais um tolo.

Maria

E o Conde...

Beltrão

Então são dois.

Estalajadeiro

Senhora, mais alguem!

Maria

D. Fuas e a sobrinha.

Estalajadeiro

Vou tudo preparar! A grande festa é minha!

Maria

Até já, Caterina.

Caterina

Adeus, minha senhora.

Estalajadeiro, *para Pedro*

Vens comnosco tambem?

Pedro

Um tolo se não fôra.

Estalajadeiro, *para a estalajadeira e Caterina*

Eu desço á adega; a vós confio os meus abanos.

As mulheres

Adeus!

Os homens

Até depois!

Estalajadeiro

Até depois, ó manos!

O estalajadeiro, a estalajadeira, Caterina e Pedro entram na estalagem, Maria em casa de Gaspar; os homens e as mulheres sahem pelos dois lados da scena.

SCENA IV

BELTRÃO E GASPAR

GASPAR, *parando ao meio da scena, sorrindo*

Em que pensas, Beltrão?

BELTRÃO, *como abstracto*

Duas razões procuro:
Porque uns comem pão molle, e eu como-o sempre duro.

GASPAR

Um dia alguem descobre, ao ver esse odio ás gentes,
Que segues outra lei, que sem vergonha mentes.

BELTRÃO

Queres então que eu seja, e nem sequer me queixe,
Immovel como a pedra e mudo como um peixe!

GASPAR

Erraste o teu caminho.

BELTRÃO

Errei!. . Tens graça!

GASPAR

Um dia
Verei no potro infame um perro na agonia.
Odio, insultos, traições, calumnias escouceias!
N'alma a peçonha tens que um sapo tem nas veias.
Sonhaste uma vingança? E eu? Julgas que a não sonho?
Mas penso no porvir, e o teu será medonho!

BELTRÃO

Elles teèm contra nós os seus inquisidores,

Notarios, alguazis, meirinhos, promotores,
As prisões, as polés, os potros e a fogueira;
Eu tenho tão somente a minha raiva inteira.
A' lucta!... E eu vencerei, virando contra os outros,
Meirinhos, alguazis, prisões, polés e potros!
Sabes lá quanto póde um odio de marrano!
Dize a tua vingança.

GASPAR

Escuta. Vai n'um anno
Que eu voltei de bem longe. Andei por toda Hespanha,
França, Flandres, Polonia, Italia e Gran-Bretanha.
Por toda a parte vi, na treva ou plena luz,
Jesus contra Moisés, Moisés contra Jesus.
O christão vence agora; um dia, não sei quando,
Hão de vel-o ao vencido as botas escovando.
Por toda a parte vi, nas viellas mais escuras,
Negras tocas eguaes a fundas sepulturas.
Vive na sombra a fera, aborto que simelha
A raposa, a toupeira, o mocho, o tigre e a abelha.
Vae minando tenaz, faminto, inquieto, á espreita,
Fechado no covil, á minima suspeita.
Vae minando, minando... humilde como um cão,
Emquanto o dono é perto e tem o açoite á mão;
Vae minando, minando... o delirio sacode-o,
Tem uivos de chacal, e range os dentes, d'odio!
Que importa? Vai minando... e se encontrar o inferno...
Ha muito já conhece o ardor do fogo eterno.
Já victoria cantou no barathro profundo,
E bem sabe que um dia ha de arrazar o mundo.
Já viste um gangrenado e como a simples mancha
Se alastra peçonhenta e o corpo lhe desmancha?
Negros furos abrindo em musculos inermes,
D'aquella podridão surgem milhões de vermes.

Pois bem, por toda a parte anda a morte veloz,
O mundo é gangrenado e os vermes somos nós.
A mina, não sei quando, ha de explodir medonha,
Emquanto o mundo dorme e o barbaro mal sonha
Que n'esse instante vae surgir ao nosso povo,
Soberba da victoria, a luz d'um dia novo!
Ribeiras correrão dos montes junto ás faldas
De perolas, rubis, saphiras, esmeraldas.
Expulsa a terra prenhe o vingador que encerra!
E o judeu, livre emfim, será senhor da terra,
E d'essa raça vil, cobarde, infame, idiota,
Que ante o bezerro d'oiro ha de ajoelhar devota!

Beltrão

Vem tarde... Não verei... Prefiro outra vingança
Mais minha,... muito minha,... e só minha. Descança
Que has de vel-a, e talvez... Mas amigo, és tão vario
Nas ideas que tens, que pregas o contrario
Das obras, frei Thomaz.

Gaspar

Sigo na vida, é certo.
O caminho que achei mais facil e mais perto.
Bom e, bem differente embora. Minha filha...

Beltrão, *ironico*

E' mais christã que o papa e os anjos maravilha!

Gaspar

Que importa? se fiquei, de muito estudo a troco,
Acreditando .. nada em Deus, no diabo... pouco.
E' christã?... Pois melhor!

Beltrão

Dizes... melhor!

Gaspar

Sim, digo,
Que o manda o Cardeal, nosso potente amigo
Quanto era minha esposa affecta á lei mosaica,
Recordas-te, Beltrão. Não tinha a raça hebraica
Em todo Portugal sectaria mais ferrenha.
Se vira os velhos paes em cinzas sobre a lenha
A qual o proprio rei lançára o fogo santo!
Corri para a mulher que tanto amava, tanto!
N'esse dia casei-me e logo n'esse dia
Louca de pranto e amor, Rachel gerou Maria.
A força de mentir vivemos socegados,
Avaros ratinhando um cento de cruzados.
Nasceu Maria... Eguaes a dois ferinos lobos,
Uivámos de rancor, lançámos mão dos roubos.
Roubei na estrada, vil, no lodo subverti-me!
Tinha o amor d'uma filha a desculpar-me o crime!
Continuámos mentindo e a filha d'este amor
Educaram n'um claustro as servas do Senhor.
Temi fosse indiscreta, e eu fui talvez cobarde...
Quiz depois acudir-lhe... Era christã... Foi tarde!

Beltrão

Já te esqueces, judeu, d'uns cães que o oiro attrae,
Rebuscando oiro em pó nas tripas de teu pae?

Gaspar

Sim; preciso olvidal-o.

Beltrão

E quando, monstro horrendo,
A fogueira infernal, pobres roupas lambendo,
Ao bruto riso expoz da gente maltrapilha
O ventre que gerara a mãe de tua filha?

GASPAR

Quero olvidar tambem.

BELTRÃO

E os autos d'Olivença?
Teus parentes a uivar na fumarada intensa?
E para ser completa a festa e mais christã,
As cannas que houve á tarde e os toiros de manhã?

GASPAR

Quero olvidar tambem.

BELTRÃO

Não vens da nossa raça!
Teu pae foi parvo sempre e tua mãe devassa!
Filho .. de Belial!

GASPAR

Beltrão!

BELTRÃO

De terra em terra
O eterno caminhar... e em toda a parte a guerra!
São balisas na estrada, onde passaram nossos,
Uns farrapos no tojo, os cães roendo uns ossos!
E é christã tua filha!

GASPAR, *malicioso*

E linda!

BELTRÃO

Oh! cala-te!

GASPAR

Homem,

Tem paciencia; outros mais por ella se consomem.
Mas um d'elles. . .

Beltrão

Já sei.

Gaspar

Grande nome, fortuna,
Valimento, affeições, não sei quem mais reuna.

Beltrão

Um familiar! A cobra atroz, que nada acalma
E as entranhas lhe roe, pariu-lhe um filho n'alma.
Conheço-lhe a molestia e não lhe dou remedio.
O seu rancor ao mundo o meu rancor excede-o!
Nem te lembram talvez as ordens do talmude:
«Ó filho d'Israel, afim que Deus te ajude,
O christão maldirás tres vezes cada dia.»
Devoto, vae resando a tua Ave-Maria.
O sino não te fala, idiota, como julgas!
Ha rosas pelo campo e no meu leito ha pulgas!
Malditos sejaes vós que conheceis o beijo
Na boca da mulher! Maldito o meu desejo!
Eu sou quem puxa a corda e vae pelas quebradas
Echoando a maldição que solto ás gargalhadas!
Maldição!... Tim, tim, tim!... Maldição!... Tim, tim, tim!

Entram n'este momento D. Fuas, o Conde, D. Guido e Antonia que vae, rindo, bater no hombro de Beltrão

Antonia

Que dizes?

Beltrão, *voltando-se e mudando de tom*

Que hoje ouvi: Chapim, chapim, chapim!
Canta o chapim, ha chuva e é mau para a azeitona.

Entra na egreja

SCENA V

GASPAR, D. FUAS, O CONDE, D. GUIDO, ANTONIA, e depois o ESTALAJADEIRO, a ESTALAJADEIRA, CATERINA e PEDRO

ESTALAJADEIRA, *entrando*

Senhores, que ordenaes?

D. GUIDO

Esplendida matrona,
Queremos boa assorda, uns ovos, rins na grelha,
Um mar de vinho, e um beijo.

ESTALAJADEIRA

Olhae, não sou tão velha
Que por mofa o digaes.

D. GUIDO

Quero labios mais novos.
Trazei-nos vós o vinho, a assorda, o rim e os ovos.
Natercia me dará, conforme o seu costume,
O beijo que eu pedi.

PEDRO, *entrando*

Mais devagar! Presume
Então vossa mercê que é só pedir por bocca?

ANTONIA, *rindo*

Eis o noivo, cuidado!

D. GUIDO

Ó cabecinha louca!

Antonia

Deixa-o, Pedro, falar, e aquieta os zelos, tonto,
Que tão pouco, se os dera, os meus não tinham conto.

D. Guido, *para Antonia*

Quando osculo o teu labio, aspiro, ó minha fada,
Sobre rosas d'Hungria o orvalho da alvorada!
Nossa lua de mel, no campo onde se alteia,
E' sempre lua nova e é sempre lua cheia!

Caterina, *entrando com o estalajadeiro que vem pôr a mesa*

Deus vos salve!

D. Fuas

Florinha!

Caterina

A' festa se faltasseis
Era triste o meu dia.

Antonia

Alegrias são faceis
De noiva ao pé do noivo.

Caterina, *rindo e apontando para Pedro*

O imperador dos parvos!

Pedro

Se eu não lhe sei falar.. ! Mas posso aqui jurar-vos:
Baço, coração, bofe, entranhas, tudo é d'ella!

D. Guido, *para Caterina*

Se um dia te dá fome, engole a cabidela.

Pedro

D'Africa hei de voltar, e então, senhor D. Guido,

Repare antes de rir se o riso é mal cabido.
Vive Deus! que ha de ver, mais dia menos dia,
Uma cruz no meu peito, e então... talvez não ria!

D. Fuas

Falas bem, meu rapaz! E o teu denodo prova
Que ha coragem, por Deus! na minha gente nova!
Mostra aos cães de Mafoma, em desegual batalha,
Quanto póde o valor contra a soez canalha.
A' fé! gostei de ouvir-te! E's bravo e homem de guerra,
Capaz de me expurgar de perros toda a terra!
Aperta o escudo, a lança abaixa; em só dois credos
Verás morder o pó toda a legião dos tredos!
Se andares bem com Deus, Deus te dará bom pago.
E, quando El-Rei por fim te der o S. Thiago,
Invoca a tua dama, a que é, por vida minha,
Tão formosa e sem par, digna de ser rainha!

Caterina

Sempre gentil!

Antonia

Cantando as gentes, como Ariosto,
Le donne, i cavalier, l'arme, gli amori.

D. Fuas

Um gosto
De cavalleiro digno

O estalajadeiro, *que esteve preparando a meza*

O almoço, meus senhores!

D. Guido, *para D. Fuas*

Tempo é da assorda e não de poemas e de amores,

D. Fuas Palmeirim!

Offerecendo o braço a Antonia.

Princeza, minha joia!

CONDE

Tendes aqui logar, senhor Gaspar Montoia.

GASPAR, *cumprimentando*

Meu senhor, beijo as mãos de Vossa Senhoria
A minha filha espera. Almoço com Maria.

Cumprimenta e sae.

SCENA VI

Os mesmos *menos* GASPAR

Sentam-se á mesa e são servidos pelo estalajadeiro, estalajadeira, Caterina e Pedro que entram e saem conforme fôr preciso

D. GUIDO, *para o Conde*

Convidas um judeu!

CONDE

D. Guido, irmão, lembrar
Quanta vez te sentaste á mesa de Gaspar.

D. GUIDO

E' certo; porém tu, modelo a familiares,
Sempre contra judeus um mane-thecel-phares!...

CONDE

Gaspar é bom christão

D. GUIDO

Veneras o teu santo.

Antonia

Santo!... Simples altar que beija por emquanto.

Conde

Antonia!

Antonia

Ha muito, irmão, que nos teus olhos vejo
Marejar docemente um singular desejo
Pois não sabes que eu tenho um dedo que adivinha?

D. Guido

E teu dedo o que diz?

D. Fuas

Reconta-nos, sobrinha.

Antonia

Era uma vez um Conde. Illustre, rico e bello,
Vivia só no campo, occulto em seu castello.
A noite em que nasceu, minguada estava a lua,
Tingindo d'oiro o lucto á nuvem que fluctua.
Um mocho sem parar piava afflicto ao longe
A magua em que o mergulha o seu viver de monge.
O Conde foi crescendo; ornava-o triste dom,
Em triste já vencera a D. Kirieleison.
Seu pae mandou recado aos mais illustres sabios
Que ao céu, sem mais demora, erguessem astrolabios.
E os sabios lá no ceu não leram que destino
Pudera dar tristeza á fronte do menino.
Seu pae mandou recado ás fadas da floresta,
Mudassem n'outro lume estrella tão funesta.
E as fadas, sobre o rio entoando um epicedio,
Disseram não saber ao mal nenhum remedio.

Por isso o nobre Conde, illustre, rico e bello,
Vivia só no campo, occulto em seu castello.

D. Fuas

Bravo, sobrinha! O dedo é lido nos romances!

D. Guido

Venha o final da historia!

Conde

Irmã, não mais te cances,
E cala-te, era má!

Antonia, *rindo*

Cá fico pedra em poço!

D. Guido

Bem fôra o trovador cantar ao nosso almoço

D. Fuas

Bem fôra, mas o Conde, amigo da tristeza,
Não consente que o riso assista á nossa mesa.

Conde

Se tudo me quer mal!

Antonia, *com ternura*

Magoei-te, irmão?... Perdoa!
Bem sabes que eu sou doida!

Conde

Antonia, sei que és boa,
Tão santa que eu quizera, em extasis beato,
Orando á mãe de Deus, ver n'ella o teu retrato.
Fôra o meu pensamento alegre como o vosso!

Quizera, sim, por Deus! quizera... mas não posso!
Bem vêdes, vim tambem... Era de festa o dia...!
E a minha má ventura aguou vossa alegria!

Antonia

Porque soffres, irmão?

Conde

Porque...? Nem sei.

D. Fuas

Loucuras!
A molleira em dureza egual ás penhas duras.

Pedro

O dia é lindo e logo ha toiros, ri-se a gente!

D. Guido

Bemdito seja o riso!

D. Fuas

Até se o riso mente!

Para Pedro

Falas bem! Vinho! E leve as maguas Satanaz!

D. Guido

É rir, beber!

D. Fuas, *para Pedro*

Aos teus amores, meu rapaz!

Antonia

Não bebes, Caterina aos teus amores?

D. Fuas

A ordem
É vinho a todos! Enche os copos que trasbordem!

Bebe, meu Conde: afoga em vinho a tua magua.
Se alguma vem queimar-me, eu bebo vinho e apago-a.
Hyppocrates, Galeno, os sabichões da Arabia,
O velho Ferrabraz, Belonia a grande sabia,
Os phisicos do paço e mil e duas fadas,
Usaram d'este unguento em curas afamadas.
Por vida minha! Conde, ergue o teu copo!... Eu bebo
A' saude d'El-Rei!

Erguem-se todos e bebem.

D. Guido

Bravo, senhor!

D. Fuas

Mancebo,
Da minha força amostro os ultimos arrancos;
Com novas glorias honra os meus cabellos brancos.

D. Guido

Meu tio, durma em paz, que o nome, sem desdoiro
Hei de entregal-o á cova antes gravado em oiro.

Pedro

Em oiro o meu tambem!

Estalajadeira

Sonha co'a cruz de Christo!
Algum de nós é doido.

Pedro

A sogra está bem visto!
Tenho valor no peito egual ao mais pintado.

Catrina, *meigamente para Pedro*

Se perderas, campino, os fumos de soldado...!

Conde

Tonto, cedo verás, escuta o que eu te digo,
Tra la spiga e la man qual muro é messo, amigo.

Pedro

Senhor, não sei latim.

Antonia

Hão de cobrir-te os loiros
E nunca ouvidos dar a tristes, máos agoiros.

Reparando em Sancha Mocho, que entrou vagarosamente e se approximou da mesa pedindo esmola, estendendo a mão.

Meu Deus!

Conde, *para Sancha Mocho, ameaçando-a*

Bruxa, a que vens?

D. Guido

Vai-te!

Antonia, *recuperando o sangue frio*

Coitada! A fome
Trouxe-a talvez á villa. Anda, Sanchita, come,
Não tenhas medo.

Enche-lhe o regaço de bocados de pão.

Baixo, a D. Guido.

E a mim faz-me pavor!

D. Guido

Cadella,
Vamos, é despachar!

Empurra-a.

Sancha, *sorrindo vagamente*

Mercês.

Encaminha-se lentamente para a egreja, sem tirar os olhos de Antonia.

CATHERINA

Que bruxa aquella!
Onde passa ha desgraça!

ANTONIA

E olhava para mim!
Tão doida...! Fez-me frio!..

ESTALAJADEIRO

Ha muito que anda assim...
Bem vai, quando calada.

PEDRO

É Sancha Mocho, a louca.
Tem pacto co'o demonio e rosalgar na bocca.

ESTALAJADEIRA

O pae morreu-lhe em Ceuta e tres irmãos na guerra,
A mãe de fome. E' desde então que a doida berra,
E aos homens faz pavor de noite uivando á lua.

D. GUIDO

Saiamos até ver se aponta ao fim da rua
El-Rei co'os toiros.

ANTONIA

Sim. Preciso respirar.

D. FUAS

Irei comvosco. E o Conde?

ANTONIA, *baixo ao Conde maliciosamente*

A porta de Gaspar
Ha de abrir-se talvez...

Alto

Ficas, irmão?!

Como se dissesse aos outros a resposta do Conde

Que fica.

Baixo

Se adivinhei, vê tu, que amor te mortifica.

Fr. Fuas, D. Guido e Antonia sahem pelo fundo; o estalajadeiro e a estalajadeira entram em casa, Pedro e Caterina ficam arranjando a mesa, e depois vão passeando conversar para o fundo.

SCENA VII

CONDE, PEDRO, CATERINA, e depois MARIA, BELTRÃO e SANCHA MOCHO

PEDRO, *baixo a Caterina*

Ouviste que o Beltrão, quando no matto dorme...?

CATERINA

Já sei... Que a Sancha Mocho. .

PEDRO

Ai, filha! Um sapo enorme!
Um sapo! Houve quem visse o fructo d'esse amor.

CATERINA, *aterrorisada*

Faze o *pelo signal da Santa Cruz!*

MARIA, *entrando*

Senhor,
Pediu-me viesse aqui. Pela vez derradeira
Quero ouvil-o.

CONDE

Obrigado. E que hoje Deus não queira
Que a morte me acompanhe.

CATERINA, *para Maria*

Ai, nossa linda santa,
Que afugenta o mau sonho e os olhos nos encanta!

PEDRO

Já tratei dos papeis. Seguir-se-ha sem demora
Á guerra o casamento. Um só me falta agora,
Uma certidão.

MARIA

Qual?

PEDRO

A d'obito.

CONDE

Descança,
Um moiro t'a dará.

PEDRO, *baixo a Caterina*

Que doido, e que lembrança!

CATERINA, *baixo a Pedro, apontando para o Conde e Maria*

Doido d'amor, talvez.

Afastam-se abraçados

CONDE, *apontando para Caterina e Pedro*

Tão pobres!... E a ventura,
Que prodiga os beijou, se mostra a mim tão dura!

MARIA

Pode havel-a maior, mais santa e mais amiga:
Soffrer, porque é preciso, e o bem dos mais obriga,
As caricias do espinho, o mel d'um holocausto,

Dar todo o coração, ficar de peito exhausto,
A que trouxe um sorriso aos labios de Jesus,
Morrendo, todo amor, nos braços d'uma cruz.

CONDE

Como um doido, a fugir, montes e valles corro...!
Em vão!... que é dentro em mim o mal em que ardo...
e morro!
Para o mais pobre e triste, a quem a fome assola,
Maria, escute, seja um dia a sua esmola.
Amo-a!... Tenha piedade!

MARIA

Um dia aqui jurou-me
Não mais falar d'amor, nem pronunciar-lhe o nome.
Por isso vim... Fiz mal. Permitta que me affaste

CONDE

Não, Maria!... Por Deus!

PEDRO, *a Caterina com quem passeia ao fundo*

Bem sei; sempre me amaste!

CATERINA

E se houvera mentido?

PEDRO

Os olhos nunca mentem,
E nos teus olhos leio...

CATERINA

O que?

PEDRO, *abraçando-a e continuando a passear*

Que és minha!

Conde

Tentara

Depois d'isto mentir! De que serve o calar-me
Se os olhos, gesto e vida estão gritando alarme!
Se o meu segredo é dado a todos poder lel-o,
De que serve o fingir um coração de gelo?
Jurei...? Pode arrancar-me a lingua; mais forte
Hão de bradar amor o meu silencio... e a morte!
Se mais a refrear mais a paixão se exalta...
Jurei... mas não cumpri... Releve a minha falta...!

Apparecem á porta da egreja Beltrão e Sancha Mocho.

Maria

Senhor Conde, não posso... Ouvi demais... Adeus!

Encaminha-se vagarosamente para casa, emquanto o Conde se deixa cahir desconsolado sobre um banco, com a cabeça entre as mãos.

Beltrão, *sentado á porta da egreja afagando a cabeça de Sancha Mocho*

Sancha! Quem te fez mal? Bateram-te os sandeus?

Conde, *chamando*

Maria! por piedade!

Beltrão

És tu que dás ao perro.
As illusões do amor, no seu cruel desterro!

Maria, *voltando, depois de certa hesitação*

Ouvirei, senhor Conde.

Pedro, *ao fundo, passando com Catarina*

Ó joia, ó minha fada!

Catarina

Meu Pedro!

Conde, para Maria

Escute pois.

Beltrão

Sancha Mocho! coitada!

Conde

Da côrte em vão fugi, buscando terras longes,
Onde encontrasse a paz que a selva empresta aos monges.
No mundo em que a traição manobra em campos vastos
Só vi na humida treva as viboras de rastos.
De enojado fugi. Dez annos se passaram
E após males crueis, mais duros se preparam.
As cinzas glaciaes occultam vasto incendio!
Julgava extincto o fogo e uma faisca accende-o!
Maria, quanta vez onde entra uma desgraça
Leva o balsamo santo, anjo de Deus que passa!
Sempre lá me encontrou; mas, se julgou virtude
O ver-me junto ao pobre, ai, Deus! como se illude!
Buscando em minha treva o lume d'uma estrella,
Que me importa quem soffre? Ia tão só por vel-a!
No peito o coração rufava uma alvorada,
E a minh'alma sorria em doce luz banhada!
Sós no mundo nós dois, o mundo fôra nosso!
Responde-me a chorar! Responde-me: — não posso!
Mas diga-me sómente, é mais do que amizade
Que li nos olhos seus... Responda-me!...

Maria

É verdade!

Conde

Que devo então julgar? Pois ha de haver má sorte,

Que onde ia buscar vida ali me ponha a morte?
Julga talvez... ah! sim! percebo a sua idéa...!
Porque eu sou nobre e julga...?

MARIA

E sei que sou plebêa...?
Que importa? .. Se jamais temi que um fraco instante
Quizesse, inda a sonhar, fazer-me sua amante?
Senhor Conde, eu conheço-o.

CONDE

Então por que motivo...?

MARIA

Meu Deus!... não lh'o direi. Mal sabe como vivo...!
Não m'o pergunte, não, que dobra o meu tormento.
Piedade peço agora.. Escute o meu lamento!

CONDE, *segurando as mãos de Maria*

Piedade lhe pedi... Piedade não terei!

Ouvem-se muito ao longe as guizeiras e os chocalhos dos cabrestos e os gritos dos que acompanham os toiros.

SCENA VIII

OS MESMOS, O ESTALAJADEIRO e depois A ESTALAJADEIRA, ANTONIO, D. GUIDO, GASPAR, HOMENS E MULHERES DO POVO

O ESTALAJADEIRO, *entrando a correr*

Os toiros...! Olá, Pedro, os toiros...! Chega El-Rei!

ANTONIA, *entrando e vendo o Conde a segurar as mãos de Maria*

Por isso o nobre Conde, illustre, rico e bello,

Já não vive no campo occulto em seu castello!

Rindo e beijando Maria

Ai mana, como és linda!

D. Guido, *entrando com D. Fuas*

Os toiros!

Pedro, *para as mulheres*

Presto andae,

Subi.

As mulheres entram na taberna, apparecendo depois ás janellas.

Gaspar, *convidando Antonia*

Senhora, suba.

Antonia entra em casa de Gaspar.

Para Maria

Ouvi tudo!

Maria

Meu pae!

Entram

Caterina

Tu, Pedro, vem comigo.

Caterina, Pedro e outros homens trepam ao vallado. Os rapazes sobem ás arvores. As mulheres ás janellas. Gaspar ao pé de Maria e de Antonia.

D. Fuas

El-Rei na frente!

Estalajadeira

E é lindo!

D. Guido

Vem como um gamo!

Conde, *a D. Fuas*

E eu soffro... e todos estão rindo!

D. Fuas

Quem soffre vendo rir é contra Deus que pecca!
Haja alegria...!

Beltrão, *baixo a Sancha Mocho*

Logo á noite... na charneca.

Pedro

Cada toiro uma torre!

Caterina

El-Rei veste de gala!

Antonia

Como isto é bello!

D. Fuas

Sim! Que rei no mundo o eguala?
Su'alma é como um lyrio, o corpo é feito d'aço!
E para o amor da fama é pouco o inteiro espaço!
De pé sobre a mesa
Gritae-lhe: Viva El-Rei!... Gritae-lhe...!

TODOS

Viva El-Rei!

BELTRÃO, *baixo ao Conde*

Se tem gosto em saber mil coisas contarei.

Por detraz do vallado passam os toiros a todo o galope entre nuvens de poeira. Gritos, assobios, vivas. As mulheres acenam com os lenços. Veem-se acima da crista do vallado as pontas dos pampilhos. Ouvem-se os chocalhos e as guiseiras dos cabrestos. Algazarra enorme.





ACTO II

Uma sala no Paço Real de Almeirim. Ao fundo grande porta de entrada. Panoplias d'um e outro lado. A' direita alta, porta para o interior. A' direita baixa, grande janella. A' esquerda, ao centro, sobre trez ou quatro degraos, a porta da capella. Panoplias, quadros, mezas, tamboretes, um genuflexorio, etc.

SCENA I

CHRISTOVAM DE TAVORA, MARTIM AFFONSO, VASCO DA SILVEIRA, JOÃO DE CASTILHO, E OUTROS FIDALGOS DA CASA D'EL-REI

M. AFFONSO

Ora valha-nos Deus, pois que ninguem se atreve
Contra o rei, cuja insania ha de mostrar-se em breve.

SILVEIRA

Senhor Martim Affonso!

M. AFFONSO

O louco é surdo á voz
Dos velhos que o censura!. . E parvos somos nós.

CASTILHO

Falaes como um doutor.

M. AFFONSO

Vós como um chocarreiro.

TAVORA, *rindo, para Martim Affonso*

Este João de Castilho...!

M. AFFONSO

Um bobo sem parceiro!
A loucura d'El-rei mais de quantos lh'a approvam
Malditas sejam! Vós, dizem, sr. Christovam
De Tavora, que sois valido entre os validos;
Certo, muito podeis, se El-rei vos der ouvidos.

TAVORA

El-rei manda; obedeço.

M. AFFONSO

E nem um filho deixa!
Co'o rei fina-se o reino, e sem uma só queixa!

TAVORA

Vá longe o máu presagio!

CASTILHO, *rindo*

E é tal ave agoireira,
Que dá volta ao miolo a Vasco da Silveira!

SILVEIRA

Quem doce amor da patria em firme peito encerra,
Se é bom christão, será pela tão justa guerra.
Mas Deus...? Mas Deus não sei.

TAVORA

Será por nós. A cruz
É na vossa bandeira; é Deus quem a conduz.

SILVEIRA

Predisseram desgraça á patria por Mafoma
Pedro Nunes, ha muito, e o astrologo de Roma.
Um cometa no céo prolonga a cauda enorme,
E, no crime obstinada, a gente folga e dorme!
Aviso de mais dura admoestação celeste,
Sobre o reino o Senhor lançou-nos fome e peste.
Quantos mais vão morrer...! Já lhes predisse os nomes
Quem é na santa gloria, o santo Simão Gomes.

CASTILHO, *rindo*

De manhã, sapateiro, escangalhava botas,
De noite profetava aos padres e ás devotas!

SCENA II

OS MESMOS E D. FUAS

D. FUAS, *entrando*

Senhores, Deus vos salve.

SILVEIRA

Embora, entrae, D. Fuas.

D. FUAS

A nova já sabeis que dizem n'essas ruas?
O grande general de alarves agarenos
Deseja paz comnosco

TAVORA

É certo. Pelo menos
Assim o escreve.

D. FUAS

E El-rei?

TAVORA

Não lhe responde.

D. FUAS

Á guerra...
E Deus guarde ao maior dos reis christãos da terra!

Para um fidalgo

Olá, meu caro primo! Estranho o vosso rosto!
Nas rugas tem gravado um perfido desgosto.

Para outro

Mancebo, que máu somno esta manhã dormiste!
Que demonio ou mulher te poz assim tão triste?

Para Martim Affonso

Que vos diria El-rei, se para vós olhasse?
Que fizestes, senhor, das rosas d'essa face?

Para todos em geral

Viveis na escura treva e, ao fundo das cafurnas,
Cortaes co'a aza sinistra as solidões nocturnas!
Por vida minha! Acaso, ao pólo onde habitaes,
Inda a luz não chegou florindo os matagaes?

Para Vasco da Silveira

Comvosco não falei.

Para Christovam de Tavora

Perdão, senhor Christovam.
Apenas me dirijo áquelles que reprovam
Quem, forte, lhes põe dique ás ambiciosas tramas.

Outro [illegible]

Falemos d'outro assumpto. E com respeito a damas,
Mancebos, que ha de novo?

M. AFFONSO

Eu vos digo, senhor.

D. FUAS, *rindo, baixo a Christovam de Tavora*

Tem graça o velho tonto inda a falar d'amor!

Al[illegible]

Dizei, senhor Martim Affonso.

M. AFFONSO

Achaes decerto
Que as damas são no paço oasis n'um deserto.

D. FUAS

Em formosura?

M. AFFONSO

Não; como *avis rara*. Julgo
Que El-rei não quer destruir as duvidas do vulgo.
Porque, antes de casar, das armas tenta a sorte
Sem herdeiros do throno, além d'um velho á morte?

D. FUAS

Se Deus julgaes assim que nos será contrario,
Á fé que blasfemaes; senhor, por Santo Hilario!
O sol da gloria tem mais luz a matisar
A roupa immaculada ao monge militar.
Virtude é força, o vicio a dominar quebranta-nos;
O loureiro quer luz e não se dá nos pantanos.
Fulgem na mesma terra, aos mesmos arreboes,
Os lyrios da pureza e as palmas dos heroes.
Pudera eu não saber do amor os vis enganos!

Gastilho, ironico

Agora é talvez tarde.

D. Fuas, rindo

Ha mais de quarenta annos!

Um pagem, entrando

El-Rei!

Tavora

Silencio.

Silveira

Vem da tribuna a caminho
E, pensativo...

SCENA III

Os mesmos, El-Rei, D. Guido, pagens, outros fidalgos
e *depois* Maria

El-Rei, pensativo, de braços cruzados, atravessa vagarosamente a scena, entrando pela direita alta. Pára um momento junto de D. Fuas a quem dá a mão a beijar.

El-Rei

Deus vos salve.

Entra na capella seguido por todos os pagens e fidalgos. D. Fuas ultimo.

Maria, *espreitando cautelosamente a porta do fundo e depois dirigindo-se a D. Fuas*

Meu padrinho!

SCENA IV

D. FUAS E MARIA

D. FUAS, *surprehendido*

Maria, que tens tu?

MARIA, *tremula*

Padrinho...!

D. FUAS

Que amargura
Vem mudar em teu rosto a aurora em noite escura?

MARIA

Não pergunte, mas deixe esconder-me...! Revive
O pejo, se eu falar do pejo que não tive!
Esconda-me, padrinho!

D. FUAS

Assustas um amigo.
Sou quasi teu pae.

MARIA

Sim... Seja meu pae.

D FUAS

Comigo
Desabafa. Que tens?

MARIA

Escute. O Conde...

D. FUAS

É nobre,
Flor da nobreza até; mas triste como um dobre.

MARIA

Ó remorsos mortaes...!

D. FUAS, *rindo*

Por Deus! Já não me assustas.
Se vens do cemiterio, as nenias são bem justas.

MARIA, *dolorosamente*

E póde rir ao vêr-me assim...!

D. FUAS, *sorrindo*

Pois não disseste
Que tens remorsos?... Tu!

Muito meigo

Deixa esse ar de cipreste,
E dize ao teu padrinho, aqui, muito em segredo,
Se o papão d'outro tempo agora te põe medo.

MARIA

Não suspeita o que eu sou.

D. FUAS

Pomba sem fel nascida.

MARIA

Vaso de lodo immundo e vil mulher perdida!

Outro tom. Com esforço

Alguem que me ama...

D. FUAS

O Conde?

MARIA, *confirmando*

O Conde. Amor funesto!

Meu pae, que nos ouviu, lançou-me tal doesto
Que palavras não sei que sem matar-me o contem!
Que noite de amargura! O que eu soffri desde hontem!

D. FUAS

Ha sonhos côr de rosa em cabecinhas leves.
Não podes ser esposa, amante nunca o deves.

MARIA, *envergonhada, receiosa*

Esposa porque não?... Já sabe pois que fui...?

D. FUAS

A filha de Gaspar não casa com D. Ruy
De Castro Mello e Sá Menezes e Mendoça,
Novo Senhor da Agualva e quarto Conde d'Ossa.

MARIA

Pois esse que possue taes dotes resolveu
Conduzir ante o altar a filha do judeu.

D. FUAS, *pasmado*

Tão rico e poderoso...! Então quem lhe preferes?
Pois não te agrada o noivo?... Ah! mulheres! mulheres!
Porque é sério, tristonho, um mocho desasado?

MARIA

E modêlo a christãos, contraste ao meu peccado.

D. FUAS

Amas o Conde?

MARIA

Sim. Mas outro amei.

D. Fuas, encolhendo os hombros

Que importa?
Nascem quantas paixões d'uma paixão que é morta!
Amaste...? Adora pois tanto este como aquelle.
Que importa?

Maria

Deus...! Se amei...! que tenho um filho d'elle!

Lançando-se nos braços de D. Fuas, medrosa e muito meiga

Padrinho, como é bom!... Que este martyrio acabe.
Não me desprese, não? que sempre fui, bem sabe,
Sua amiga, padrinho. E sou feliz, se apenas
Me dér onde chorar as minhas tristes penas.

D. Fuas, *carinhosamente*

Conta.

Maria

Meu pae partira havia tempos. Nós
Ficáramos na terra, eu com minha mãe, sós.
Ninguem nos vinha vêr. Apenas elle. O seio,
Innocente, lhe abri; sem saber como... amei-o.
Dei-lhe toda a minh'alma, alma virgem. Captára
Comigo a minha mãe, de graças sempre avara.
Porquê?... Depois o soube e tremo ao recordal-o.
Amei sem descançar um simples intervallo.
Se d'elle e tanto amor tudo falava a bem!
Se perto, os olhos seus, se longe, minha mãe.
Tempos depois El-Rei mandou que sem demora
Partisse para Ceuta. Ha quatro annos agora,
Da primeira jornada. O amor previu-lhe a morte
E, mentindo, só fez lucrar minha má sorte.

D. Fuas

Coitada!

MARIA

O que eu depois chorei! Christã, perdi-me!
Deus justo que olvidei castiga-me do crime!
E lembrar-me que o louco era meus sonhos, quando
Captára minha mãe... que horror!... judaisando!

D. FUAS, *admirado*

Pois tua mãe...?

MARIA

Que Deus lhe fale n'alma e desse
Ouvidos pela pobre á minha humilde prece.

D. FUAS

E teu filho?

MARIA

Não sei. Seu pae voltou dez dias
Antes do meu. Nasceu-me o filho entre agonias.
Minha mãe no estertor poude co'um beijo ao menos
Matar na bocca fria o travo dos venenos.
Um beijo só lhe dei tambem. Seu pae levou-m'o...!
Meus peitos n'essa noite inflammaram-se, como
Se quizessem co'a dôr punir culpas tamanhas
E o filho lastimar das minhas vis entranhas!

D. FUAS

Tudo ignora teu pae?

MARIA

Tudo. O minimo indicio
Poude occultar-lh'o o meu ferino sacrificio.
Não mais verei meu filho.

D. FUAS, *sombriamente*

E quer teu pae casar-te!

MARIA

Em novo crime, não, não quero ser comparte!
Oh! valha-me, padrinho!

D. FUAS

O Conde é forte e honrado,
Se lhe eu disser...

MARIA

Meu Deus! Contar-lhe o meu peccado!..

D. FUAS

Achará no perdão que uma alma boa esmalta
Doce consolo ao fel da tua antiga falta.

MARIA

Dizer-lhe... confessar-lhe a quem minh'alma adora...

D. FUAS

Outro amaste, esqueceste-o; o Conde esquece agora.

MARIA

E se outro amei, quem sabe? Os olhos que reagem
Contra a vasta aridez são causa da miragem.

Enlevada

Ó santo que venero, o throno em que eu te vejo
Conquistaste-o, é bem teu, não t'o ergue o meu desejo!

Segurando as mãos de D. Fuas

Padrinho, tenha dó. Fugi do bom caminho,
Fui má, pequei...

D. FUAS, *abraçando-a enternecido*

Coitada!

Maria, deixando cahir a cabeça sobre o hombro de D. Fuas

Ai, como é bom, padrinho!

SCENA V

Os mesmos, Cardeal e Conde

Cardeal, *entrando e, attonito, vendo D. Fuas abraçado a Maria*

Olhae, Conde!

D. Fuas

Senhor...!

Cardeal

D. Fuas, ou vi mal
Ou que sois olvidaes n'este paço real.

D. Fuas

Perdão. Minha afilhada...

Cardeal, *mudando de tom e de phisionomia*

Ah! sim, conheço-a.

Para Maria

Escuta,
Dizem que és santa. Eu vívo em crua, eterna luta.
Virão minhas acções de juizos meus erroneos...?
Um velho peccador, joguete dos demonios...!
Eu resarei tambem por ti, quando consagre.
Resa por mim. Talvez que Deus faça o milagre.
Vai, minha filha, vai.

Maria

Senhor!

Commovida, baixo a D. Fuas

Santa! E extravasa
Do peito o meu remorso e é como um ferro em braza!

D. FUAS, *baixo*

Valor!

CARDEAL, *para D. Fuas*

Deixae-nos sós, que póde El-Rei mais tarde
Vossa ausencia notar.

D. FUAS

Senhor, que Deus vos guarde

Maria sai pelo fundo. D. Fuas entra na capella

SCENA VI

CARDEAL E CONDE

CARDEAL, *como falando a D. Fuas, voltado para a porta da capella*

Ide em paz. Deus conceda ás trevas d'essa mente
Um raio só de luz, meu doido impertinente.

CONDE

É D. Fuas, senhor, fidalgo muito honrado;
Como christão modesto, heroe como soldado.

CARDEAL

Um doido egual aos mais. Todos o mesmo! Deus,
Ao ver tanto peccado, afasta os olhos seus.
A loucura do reino é punição celeste,
Que não lhe foi bastante a guerra, fome e peste!

Observando o Conde

E vós tambem... andaes, ha tempos... Que fantasma
Vos surdiu pela treva ante esse olhar que pasma?

CONDE

Senhor...!

CARDEAL

E eu mesmo...? Ah! Conde, eu mesmo ás vezes penso
Que me foge a razão no meu soffrer immenso!
A duvida cruel subjuga-me a alma escrava!
Procuro o bem, pratico o mal...! E mais se encrava
O espinho do remorso! A noite, se a consulto,
Escuto da consciencia os brados em tumulto,
Vejo espectros, revejo as faltas mais longevas...!

Com terror

Afflicto, apago a luz, escondo-me nas trevas.

CONDE

Coragem, meu senhor. Em Vossa Alteza é força
Não dobrar a cerviz, humilde como a corça,
Pensar no reino afflicto e mais, por nosso mal
Se um dia El-Rei faltar, que é rei de Portugal.

CARDEAL

Se El-Rei faltar...! Talvez... talvez nos falte, se antes
Não morrerem d'um raio os doidos e os bargantes.
Não bastava ser louco; os livros que o rodeiam,
O amigo que o procura, avisos que enxameiam,
Os poetas que na Italia escrevem confusões
E mais um nosso agora, o tal Luiz de Camões,
Não lhe dizem, ao vel o ideando mais um throno,
Que o bem ganho se perde e o mal elle e seu dono!

Fica meditando

Rei...! Velho...! Sinto em mim da morte os mil symptomas:
Mas se um dia fôr rei, se alguem m'as fez... pagou-m'as!

Conde

E entretanto! Um só grão pequeno de cicuta,
Que lhe abra a terra o seio, e ficará corrupta.
Cuidado, meu senhor, porque a serpente é viva,
Já sai da toca e á luz mostra a cabeça altiva.

Cardeal

Estranho o vosso ardor!

Conde

Que á lenha, sem demora,
Pega-se o fogo meu, que, activo, me devora!
Ah! pude — devo-o a ti, puro anjo, meu custodio! —
Na santa inquisição sanctificar um odio!

Cardeal

Estaes sombrio!

Conde

Sim. A nuvem, que, opulenta,
Fecunda a terra e o chão de rosas paramenta,
É negra e esconde o sol.

Cardeal, *como comsigo*

Hesitação damnada!

Conde

Recordo a Vossa Alteza o grande Torquemada.
Quantos judeus queimou n'um fervoroso introito?
Dez mil!

Cardeal, *sorrindo, contente*

Perdão; dez mil duzentos e dezoito
Mas era um santo!... Se era...! E ao lado dos reis de Hespanha!
Tristemente
Eu não tenho ninguem. El-Rei, se falo, estranha

Que ouse vir perturbal-o em seu tão nobre officio.

Com um gesto arrebatado de raiva

Ah! se um dia eu puder. . . !

Suspende o gesto e leva as mãos á cinta com um grito abafado de dôr.

Magôa-me o cilicio. . .
Já não posso. . . Estou velho. . .

CONDE

Apenas Vossa Alteza
Pode o reino salvar da febre de que é preza.
Tratar da sua vida é seu dever e nosso.

CARDEAL

Sim, sim, mas, Conde, olhae. . .

Muito fatigado, amparando-se ao Conde

Magôa-me. . . Não posso.

CONDE, *levando-o para junto d'uma cadeira*

Descance, meu senhor.

CARDEAL

Os velhos. . .

Senta-se

Obrigado.

Continuando

Os velhos teem que andar com muito mais cuidado.
A morte está mais perto, e em tentações redobra
O demo para ver se a pobre alma sossobra.
Tem-me tentado agora horrivelmente! Ha pouco,
Tres tratos machinou, que deu comigo em louco!
Tomo, como sabeis, só leite de mulher;
Assim irei vivendo até que Deus quizer.
O phisico mandou, fiz-lhe a vontade. Uns dias
Passaram sem que o inferno armasse tropelias;

Mas hontem... Conheceis a Maria da Motta.
Mulher santa, exemplár, capaz, muito devota;
Mas linda, esbelta, forte, uns seios como neve...!

Com um grande convencimento

Tendo o cilicio posto o diabo não se atreve...!
Vêde lá que martyrio agora me consome:
Ou castigar a carne ou perecer á fome.

CONDE

Consulte Vossa Alteza alguem de melhor sciencia
Que o phisico do paço.

CARDEAL

Hoje até, que é de urgencia.
Conheceis o Beltrão, sineiro d'esta egreja,
Que ha no largo, aqui perto. Ha muito já que almeja
Por me dar a provar umas tisanas suas
De plantas, que elle escolhe e dá conforme as luas.

CONDE

Detesto esse villão com modos de panthera.

CARDEAL

Mandei que viesse. Olhae se hi fóra alguem me espera.

Continuando a falar com o Conde que sáe, obedecendo ao mandado, e sái por instantes

É falso o que pensaes, pois certo que o Beltrão,
Ha serviços prestado á nossa inquisição.
Tem-me amor e por isso a gente o calumnía.
Diz que resa por mim tres vezes cada dia.

CONDE, *á porta*

O Beltrão, meu senhor.

SCENA VII

OS MESMOS E BELTRÃO

BELTRÃO

Deus guarde a Vossa Alteza.

CARDEAL

Entra, meu velho. Vais falar-me com franqueza.
Aqui me vês soffrendo um barbaro castigo.
Deus e justo, Beltrão. Quero falar comtigo.

BELTRÃO

Falar com Deus mais vale.

CARDEAL

É certo.

BELTRÃO

A quem se damna,
Se o castigo é do céo, que importa uma tisana?
Ajoelhe aos pes do altar e rasgue, humilde, o peito;
Deus talvez lhe remitta os crimes que tem feito.

CARDEAL

Para a carne conter não foram tão communs,
Quanto Deus o mandou, meus asperos jejuns?

BELTRÃO

Parece Vossa Alteza um resequido esparto.

CARDEAL

Ha dois dias que trago, e posso até mostrar-t'o,
Sobre a pelle a sangrar duro cilicio posto.

BELTRÃO

Pois ponha-lhe mais um, se pol-os lhe dá gosto

CARDEAL

Mal surge a aurora, alguem, que me procure, é certo
De achar-me orando ali, no templo inda deserto,
Implorando ao Senhor a compaixão paterna.

BELTRÃO

Mais certo que pinheiro em porta de taberna.

CONDE

Tento, confiado! Escolhe um pouco mais os termos.

CARDEAL

Deixae, Conde. É melhor assim, para sabermos.

Para Beltrão

Fala á vontade. Então não fiz já tudo quanto
Devi para acalmar as iras de Deus Santo?

BELTRÃO

E os outres? Vossa Alteza eguala um santo monge,
E os outros vão peccando, e Vossa Alteza longe,
A vel-os de palanque, e mudo como um rato!

CARDEAL

Que sabes?

BELTRÃO

Muito sei.

Cardeal

Seguro?

Beltrão

Muito exacto.

Cardeal

Falarás?

Beltrão

Talvez não; pois dizem que é loucura
Malhar em ferro frio ou dar em pedra dura.

Conde

Beltrão!

Cardeal

Mercê de Deus, eu nunca fui remisso
Em castigar a culpa.

Beltrão

Então será feitiço,
Que uns morrem na fogueira e outros em cama fôfa.
Teem sempre bom padrinho alguns de mais estofa.

Cardeal

Fala, Beltrão.

Beltrão

Pois bem. Juro, á fé de quem sou,
Que um da casa d'El-Rei, traidor, judaísou.

Cardeal

Um fidalgo?

Beltrão

Um fidalgo.

CARDEAL

É certo?

BELTRÃO

É certo.

CARDEAL

E hoje...?

BELTRÃO

E hoje...

Um fidalgo acha sempre alguem a quem se ajouje.

CONDE

E tens prova segura?

BELTRÃO

Immensas.

CARDEAL, *erguendo-se*

Sursum corda!

Já n'alma o antigo ardor parece que me acorda!
Conde, deixae-nos sós.

CONDE, *baixo ao Cardeal*

Senhor, trema d'este homem.

CARDEAL

E os remorsos crueis que tanto me consomem?
Vou ter paz afinal, se castigar o crime.
Adeus, Conde. Vai... vai. .

Muito cançado faz-lhe com a mão signal para que saia.

SCENA VIII

Cardeal e Beltrão

Cardeal

Nada posso...! Excedi-me.
Fala depressa. Estou cançado.
Pondo a mão sobre o cilicio
E doe-me aqui.

Beltrão

E, quando a Vossa Alteza eu narre quanto vi,
Será severo?

Cardeal

Sim.

Beltrão

Castigará?

Cardeal

Co'o fogo!

Beltrão

Mais me vale o calar se bocca não faz jogo.

Cardeal

Fala... Conta depressa... El-Rei não tarda... Conta.

Beltrão

Amou gentil fidalgo uma menina tonta.
Christã nova era a mãe, quero dizer, judia;
E elle então por amor judeu se fez um dia.

CARDEAL

Que infame assim nos dá logar ás queixas tuas?

BELTRÃO

D. Guido, meu senhor.

CARDEAL

Sobrinho de D. Fuas!

BELTRÃO

E cunhado do Conde.

CARDEAL

Um familiar d'El-Rei!

BELTRÃO, *muito hypocritamente*

Vossa Alteza, coitado! ha de custar-lhe, sei.

CARDEAL

Nada temas por mim, Beltrão, nem me lamentes,
Que a serpente é dragão, quando comeu serpentes.
E ella quem foi?

BELTRÃO

Maria, a filha de Gaspar.

CARDEAL, *attonito*

E judia tambem!

BELTRÃO

Senhor. . . ! Nem tal pensar!
Aborrece os judeus e alcunha-os de javardos:
Mas as moças christãs parem tambem bastardos.
Judia a mãe somente.

CARDEAL

Ah! Deus não me protege!

Foi pedir orações á barregã do hereje!
E ha muito que isso foi?

Beltrão

Sim.

Cardeal, *severo*

Calar-se não póde...

Beltrão

Pois assim foi melhor. Senhor, não se incommode.
Ao meu rancor ouvi, prudente, os bons conselhos,
E o meu cajado agora acerta em dois coelhos.

Cardeal

Pois, se assim foi, D. Guido ha de morrer no lume.
E como o sabes?

Beltrão

Vi... Co'os olhos do ciume.

Cardeal

Basta. O resto ouvirei mais tarde. Hei de hoje mesmo
Co El-Rei falar. Ah! cães malditos!... N'um torresmo
Podesse eu ver desfeita a vossa carne immunda!

Muito cançado. Devotamente

Em nossos corações Deus graças mil diffunda.
Adeus, meu filho, adeus.

Beltrão beija-lhe a mão

Vou rezar. Vai-te embóra.

Encaminha-se para o genuflexorio

Que Deus te pague o bem que me fizeste agora.

Cae de joelhos, prostrado, sem forças para falar, dizendo com o gesto adeus a Beltrão e mandando-o sahir. Fica resando com o rosto entre as mãos.

SCENA IX

Cardeal, El-Rei, D. Guido, Christovam de Tavora,
Martim Affonso, Vasco da Silveira,
João de Castilho, D. Fuas, fidalgos e pagens

El-Rei

Deixae-nos. Logo á tarde iremos á Coitada,
Á guerra costumando o corpo na caçada.
D. Guido, estimei ver como hontem vos portastes
Co'o toiro que o meu potro arrebatou nas hastes.

Castilho, *brincando*

Pois não se portou bem.

El-Rei

Porque?

Castilho

Porque em destreza
Teve o arrojo de andar melhor que Vossa Alteza.

El-Rei

Castilho, falo sério. Offende-me o teu chasco.

M. Affonso, *baixo a Christovam de Tavora*

Apanha!

El-Rei, *para D. Guido*

Lembrar me-hei de vós.

Para Christovam de Tavora e Vasco da Silveira

Christovam, Vasco.

Tavora e Silveira

Senhor?

El-Rei

Dê-se na guerra, ao lado da bandeira,
A D. Guido presente o posto que requeira.

D. Guido, *beijando a mão d'El-Rei*

Senhor, beijo-lhe as mãos.

El-Rei, *para os fidalgos*

Ide com Deus. D. Fuas
Esperae.

D. Fuas, *inclinando-se*

Meu senhor, aguardo as ordens suas.

Saem os fidalgos e pagens. O Cardeal continua rezando.

SCENA X

Cardeal, El-Rei e D. Fuas

El-Rei, *pensativo*

Sou rei, que o sinto n'alma. E, tremulo, descubro
O sangue dos heroes em minhas veias, rubro.
Sou rei, filho de reis. Mereço-o, porque o sinto.
D'um lado Aviz, Borgonha e d'outro Carlos Quinto!
Tenho o sceptro, o diadema; o globo só me falta.
Se Deus será quem manda o sonho que me exalta?
Se, um dia, ha de ordenar que, sol entre mil soes,
Governe quasi o mundo o neto dos heroes?
Mandou-me Deus tentar a lucta que disponho
Ou julga ser um crime acreditar n'um sonho?

D. Fuas

Glorioso, meu senhor, ha de voltar da guerra
Mais que os Nove da Fama e os Doze de Inglaterra.

Cardeal, erguendo-se e dirigindo-se a D. Fuas

Que consciencia no mundo ha tão feliz que possa
Em Deus confiar assim?... D'orate ou santo?... A vossa
A propria terra soffre e pelos seus guerreia,
Se escuta a quem a pisa odiosa lingua alheia.
Mas, supponde um triumpho, entre os cantos dos plectros
A fila ha de surgir dos pallidos espectros;
Muita lagrima corre e as mães e os orphãos gemem,
Emquanto hymnos aos mil nas charamellas fremem.
E quem sabe se o povo é pelo rei que chora?

El-Rei

Que importa? *Un bel morir tutta la vita honora!*

Cardeal

Deus só concede a gloria ás almas puras.

El-Rei

Tenho
Immaculada a minha.

Cardeal

A vossa, sim, convenho:
Mas dos vossos alguem, perverso, não tremeu
Da justiça do céo fingindo-se judeu,
Juntando com má fé, para maior injuria,
Ao crime da impiedade o crime da luxuria.

El-Rei

Dos meus, dizeis vós!

CARDEAL

Sim.

EL-REI

Fidalgo?

CARDEAL

É dos melhores.

EL-REI

No lume o queimareis, máu grado os seus maiores.

D. FUAS

Deus o castigue e dê-lhe a ponta d'uma lança
Em que morra, deixando a gloria como herança.
A morte é bella assim e o povo até maldiz
Quem mata um bom soldado entre onzeneiros vis.

CARDEAL

Demais ergueis a voz perante El-Rei.

D. FUAS, *altivamente*

Se em preito
Á verdade alto falo, encontro esse direito
N'um passado sem mancha e em trinta cicatrizes.

CARDEAL, *ironico*

As mais d'ellas signaes de duellos infelizes.
Por quem foi que no pulso houvestes golpes tantos?

D. FUAS

Senhor, por minha dama. Os homens não são santos,
Ellas tão pouco. Um dia encontrei lá D. Braz.
Falei, respondeu mal. O duello foi tenaz.

Tres vezes me tocou!... D. Braz foi trespassado!
Um bom homem talvez, mas muito malcreado.

CARDEAL

No peito um fundo golpe haveis, segundo é fama,
Batestes-vos por quem?

D. FUAS

Senhor, por minha dama.

CARDEAL

A mesma?

D. FUAS

Senhor, não; por outra. Um dia, a bordo,
Um galan murmurou do mestre.— «Não concordo!»
Bradei. Para o matar tinha razões de mais,
Sem falar n'um soneto á dama dos meus ais.
Puxou da espada e deu! Su'alma, sua palma...
Pois elle o quiz assim, que Deus lhe fale n'alma.

CARDEAL

E por quem, já que o vejo e audaz se manifesta,
Vos feriu, tão medonho, esse gilvaz na testa?

D. FUAS

Senhor, por minha dama.

CARDEAL

A mesma?

D. FUAS

Senhor, não;
Por outra a quem amei com toda a devoção!
Por essa que não tem — Corpo de Christo!— um emulo
No alto amor que lhe voto, arrebatado e tremulo!

Um moiro me feriu, dez moiros, como tordos,
Vi cahidos na areia e rebolando e aos bordos!
Por ella só gastei, por ella, a minha amada,
A força do meu braço e o gume d'esta espada!
Por quem eu me bati? Por essa a quem adoro,
No vasto azul do céo fulgente meteoro!
Por quem este gilvaz?... Senhor, por minha dama.
Senhor, por minha patria, a luz da minha chamma!

EL-REI

Podeis falar bem alto; á patria o nome erguestes.

CARDEAL

Não quando assim defende o réo d'um crime d'estes.
Apromptem-se ao culpado as chammas e o responso.

D. FUAS, *para o Cardeal*

Perdão, senhor.

Para El-Rei

O vosso avô, primeiro Affonso,
Foi rei de Portugal e filho de bastarda.

EL-REI, *escandalisado*

D. Fuas!

CARDEAL

Sois audaz!

D. FUAS

Melhor já vos aguarda.
Parece que falei n'um caso deploravel!
Bastardo foi tambem o grande condestavel.
Mais tenho a apresentar, se tal vos não magôa,
Uma prova efficaz de quanto Deus perdôa
Os peccados do amor.

CARDEAL, *offendido*

D. Fuas, blasphemaes!

D. FUAS

D. João, mestre de Aviz, bastardo como os mais.

Para El-Rei, n'outro tom

Seja quem fôr, perdão! Deus justo assim premeia
Os filhos do peccado, um rei porque receia?

CARDEAL

Judaísou.

D. FUAS, *sempre para El-Rei e só para elle*

Mirae no temporal que ruge,
Ebria, doida, revolta, uma subtil pennuge;
Deus sabe onde vai dar, se á luz se á densa treva!
E lá que o amor tambem as almas doidas leva.
Perdoe-lhe, senhor rei! Pelos moiros envolto,
Morra beijando a cruz e já por Deus absolto!
Perdoe-lhe pela dôr que, barbara me invade...
Senhor, que mais direi?

Ajoelhando

Perdoe-lhe por piedade!

EL-REI

Meu valente, de pé! Só curva os joelhos seus
O escravo ante o senhor. O homem perante Deus!
Socegae, que o perdão...

CARDEAL, *atalhando, cheio de afflicção*

Filho!... Meu filho...!

D. FUAS, *d'alto, para o Cardeal*

Algeme-a
Na bocca a essa palavra e poupe uma blasfemia,

Ou *filho* diz *amor* e *amor* não diz *peccado!*

Para El-Rei

Senhor, se Deus lhe quiz do lyrio immaculado
Dar á sua alma casta a deslumbrante alvura,
Porque, a tantos esquiva, a gloria vos procura,
Fagueira e quasi humilde, ó monges militares!
Senhor, se teme a luz que baixa dos olhares
Tranquillos, virginaes, tão carinhosa como
Um raio de luar; se o mais ligeiro assomo
Não mostra a commoção na sua fronte austera;
Quanta vez, alma triste, ai! quanta vez, te dera
Voar no espaço immenso em plena luz d'abril!
Senhor, responda.

El-Rei

Sim.

D. Elas

E o aroma tão subtil,
Que se evola da flor, a abrir, toda orvalhada,
Sorrindo ao sol nascente em fresca madrugada,
Não recorda o perfume apenas percebido,
N'um rapido passar, em volta d'um vestido?

El-Rei

Sim.

D. Elas

E se a noite é bella e dentro da nossa alma
Se eleva uma canção mais do que a noite calma,
Serena como o incenso em lentas espiraes,
Alma, por quem a ergueis? Olhos, por quem choraes?
E a musica é divina e as lagrimas suaves.
E verdade, senhor?

El-Rei

Sim.

D. FUAS

Ageis como as aves,
Onde levam recado as suspiradas notas?
A que fada bondosa? A que regiões ignotas?
Já n'um vapor subtil a imagem se revela
D'um anjo sem rival por quem noss'alma anhela...!

EL-REI, *enlevado*

Visão tão doce e cara...!

D. FUAS

Ah! deixe pois que exclame:
Apaguei co'o meu sopro uma fogueira infame!

EL-REI, *como acordando*

D. Fuas, que dizeis?

D. FUAS

Já tenho o seu perdão!

CARDEAL, *colerico*

Um rei não póde ir contra a santa Inquisição!

EL-REI

Meu tio, alto falaes. E basta de celeuma.
Que eu peça a bulla a Roma e Roma concedeu-m'a.
Co'o Papa não conteis. Termine esta discordia
Ou sabereis quem sou.

CARDEAL

Senhor...! Misericordia...!

Cai de joelhos aos pés d'El-Rei

El-Rei, *para D. Fuas*

Provastes o valor que o vosso peito encerra.
D. Fuas, estaes velho ; é longe a dura guerra ;
Alguem do vosso sangue ali vos substitua.

D. Fuas

Que mal lhe fiz, senhor? A minha vida é sua.

El-Rei

Aqui fareis cumprir as minhas ordens. Mando
Que se esqueça de vez castigo tão nefando.
Não morrem na fogueira, em tormento infernal,
Os vassalos fieis d'El-Rei de Portugal...

Cardeal, *rancoroso, ainda de joelhos*

Emquanto fordes rei...

El-Rei, *continuando*

...como villões cobardes.

Para o Cardeal

Erguei-vos, Cardeal.

Cardeal, *quasi sem voz*

Senhor, se me ajudardes.
Meu corpo é sem vigor, minh'alma desmaiada.

El-Rei e D. Fuas ajudam o Cardeal a erguer-se.

El-Rei

Cumprireis?

Cardeal

Sim.

El-Rei

Juraes?

CARDEAL, *dolorosamente*

Pela hostia consagrada...!

El-Rei com um gesto ordena ao Cardeal que o siga e sai vagarosamente, de braços cruzados, pensativo como entrara. O Cardeal segue-o, curvado, de mãos postas, rosto encostado ás mãos, resando. A porta do fundo assoma o Conde d'Ossa, que se curva ante as pessoas reaes.

SCENA XI

D. FUAS E CONDE

D. FUAS

É desce um homem tanto abaixo d'uma fera!

Á janella

Lá fora brilha, encanta a doce primavera;
Tudo fala de amor e a terra grata envia
Ao sol o seu perfume e os cantos de alegria!

PEDRO, *fora, cantando, acompanhado á guitarra*

Camponeza, camponeza,
Camponeza, meu amor,
Camponeza, camponeza,
Dás-me um beijo?— Não, senhor.

D. FUAS

É Pedro, o noivo, o amor da linda Caterina.
Vai cantando feliz a estrella que o illumina.
No peito d'esse pobre ha todo o mez de maio!
É tão facil amar, tão simples!... Escutae-o.

PEDRO, *fora, cantando*

Camponeza, camponeza,
Camponeza, meu amor,

Toma um beijo, camponeza.
Obrigada, meu senhor.

D. FUAS

Feliz do que assim póde amar com taes extremos!

CONDE, *receoso*

E eu, D. Fuas, e eu?

D. FUAS

Não, meu Conde. Falaremos.

Ouve-se novamente ao longe a guitarra e a voz de Pedro, que vai cantando.





ACTO III

A vista do primeiro acto.

SCENA I

O ESTALAJADEIRO, A ESTALAJADEIRA, CATERINA, PEDRO, BELTRÃO, GASPAR, HOMENS E MULHERES DO POVO, E SOLDADOS

A maior parte dos homens estão bebendo, sentados ás mezas, outros de pé, falando com as raparigas.

PEDRO, *vestido de soldado*

Meu lindo malmequer! Ao menos hoje... Um beijo...!

CATERINA

Á despedida,... logo.

PRIMEIRO HOMEM, *sentado a uma mesa*

Olá! Pão, vinho e queijo!

ESTALAJADEIRA

Caterina!

CATHARINA, *sahindo a correr*

Lá vou!

SEGUNDO HOMEM

Vinho, vinho e mais vinho!

ESTALAJADEIRA, *muito azafamada*

Credo! Já vai, já vai!

UMA MULHER, *dando um copo de vinho a um soldado*

Meu neto, coitadinho!
Bebe, bebe.

PEDRO, *para os soldados*

Pardeus! Quando eu voltar, ás bodas
Bebereis do melhor vós todos e vós todas!

BELTRÃO

Não me convidas, Pedro?

PEDRO

A ti?... Co'um bom peloiro,
Que os olhos te varasse!

CATHARINA

Arreda!

PEDRO

Ave d'agoiro!

BELTRÃO

Escuta, meu rapaz. O vinho e a boa assorda...
O vinho sobretudo, aguenta a gente gorda;
E algum bicho, que vier lamber-te o sangue em coalhos,
Talvez goste da carne assim de vinha d'alhos.
Bebe, Pedrinho, bebe! Antes das bodas, ... bebe.

ESTALAJADEIRA, *para Pedro*

Manda-me esse bargante ao diabo que o percebe.

PRIMEIRO HOMEM

Dos soldados faz cães!

SEGUNDA MULHER

Dos tristes faz chacota!

CATERINA

Se alguem fala da guerra ameaça-o co'a derrota!

PEDRO

À morte!

UNS SOLDADOS

Sim!

OUTROS

À morte!

PEDRO

Um cão de menos!... Fogo!

BELTRÃO

Pois que eu morra e heis de ver quem perde mais no jogo.

GASPAR, *intervindo*

Soldados, que fazeis? Beltrão, que lhes disseste?

BELTRÃO

A quem tolo nasceu que é tolo e que lhe preste.

GASPAR

Louco, nem mais palavra!

Para os soldados

E vêde o que fazeis;
Se ao parvo derdes trela, o parvo egualareis.

SEGUNDA MULHER, *para um soldado*

Horas são de partir. Adeus, ó minha vida!

PRIMEIRA MULHER

Vamos rezar por vós. Que triste despedida!

ESTALAJADEIRA

Oremos ao Senhor.

PEDRO

Resae por nós.

AS MULHERES

Resemos.

ESTALAJADEIRO

Mas quem resa não bebe!

CATERINA, *olhando para Beltrão*

O Senhor aos blasphemos
Um dia dará pago.

PEDRO, *a Caterina*

O amor que tu me tens!

PRIMEIRA MULHER

Meu neto, Deus escute as supplicas das mães.

As mulheres e os camponezes dirigem-se pouco a pouco para a egreja; alguns soldados retiram-se, bem como o estalajadeiro e a estalajadeira, logo que arrumaram as mesas. Ficam outros soldados, conversando baixo com raparigas, passeando ao fundo aos dois e dois. Entre elles Pedro e Caterina.

SCENA II

Beltrão, Gaspar, Pedro, Caterina, soldados e raparigas

Gaspar, *approximando-se de Beltrão*

Que eu só tenha a razão que vós, doidos, não tendes!

Beltrão

Fazer e dizer mal nunca se perde, entendes?
Gorou-se a minha empreza,. . estoiro se não berro...!
Ah! raça de Caim! Ah! corações de ferro!
Toda a noite ardo em febre e, só comigo, apago-a,
Sem ter ao menos quem me traga uma vez d'agua...!
Por isso te maldigo, alem, todos os dias,
Quando á reza te chamo, a dar Ave-Marias.
Bem olhas para o céu, mas Deus mudou-se, e o diabo
E quem te acceita a prece, a rir, e a dar ao rabo.
Raça maldita! raça immunda! raça infame!
Fervilham-me cá dentro os odios como enxame!
Destruistes o meu jogo, heis de pagal-o caro;
Vereis que linda sorte agora vos preparo!
Se a raiva me tolheis, a raiva é mais profunda!
Raça maldita! raça infame! raça immunda!

Gaspar

Repelle o pesadelo odioso em que te enlevas.
Um dia ha de chegar o vencedor das trevas.
Leva a porto seguro o mar em que navego.

Beltrão

Es lynce vendo ao longe, e, ao pé dos olhos, cego!

6

GASPAR

Explica-te, Beltrão.

BELTRÃO, *com ironia*

Maria quando casa?

GASPAR

Tens visto o meu tormento?

BELTRÃO, *rindo ironicamente*

E o pobre Conde em brasa...
Ora chega,... ora parte ..!

GASPAR

Obscuro enigma! Sinto
Que se perde a solvel-o o meu sagaz instincto!
Ella, amando-o, não quer!... Elle, adorando-a, foge!

BELTRÃO

O Conde casará, se houver quem o despoge
D'um grão tão só de areia em que hoje o amor encalha.
O proprio amor talvez.

Levanta Gaspar para perto d'uma das mezas

Observa esta toalha;
O linho é roto, immundo; ha nodoa até que ferve!
Mas o hospedeiro vem, sacode-a,... vira-a,... e serve!
O Conde casará.

GASPAR

Beltrão, não te percebo.

BELTRÃO

A culpa foi dos dois!... Um d'elles, o mancebo,
Já corre em bom caminho; e da velhice tonta
Um elixir d'amor dar-me-ha vingança prompta.

SCENA III

OS MESMOS, ANTONIA, D. GUIDO E D. FUAS

ANTONIA, *entrando pelo braço de D. Fuas*

Deixe agora, meu tio, abrir meu coração.

D. FUAS

Deu-me ventura o dedo, hei de tomar-lhe a mão?
Vai, minha filha, vai ; consola o triste esposo.

ANTONIA, *tomando o braço de D. Guido*

Tão só me vais deixar!

D. GUIDO

Tres dias, que, saudoso,
Hei de sonhar comtigo e em sonhos só ter vida!
Em Lisboa te espero. Ali de novo unida
Será minh'alma á tua. As fadas nos aprompt em
Uns dias deslizando eguaes ao dia d'hontem.

D. FUAS, *para Antonia*

Se te vissem córar, farias co'essas rosas
Enfiar de pura inveja as Tagides formosas.

ANTONIA

Guido!

D. GUIDO, *ameigando-a*

Então...? Dentro em pouco hemos de estar os dois
Juntos de novo, tonta!

ANTONIA

É certo, mas depois?

Agora, um mez que foge, inda estarei comtigo;
Té que partas verei, se alguma vez consigo
Abrir os labios teus n'um riso como d'antes.
Talvez que a patria exija os minimos instantes.
Depois...

D. Fuas

Depois a guerra, as glorias no terreiro!
Uma criança parte e volta um cavalleiro!

Antonia, *tristemente*

De poetas é sonhar; cai d'alto o que alto vôa!

D. Fuas

Valha-te Deus, sobrinha, ó Dona Salomôa!
Ah! Pudéra eu seguir quem para longe embarca.
Manda-me El-Rei ficar na paz, qual patriarcha!
Paciencia. Aqui serei melhor que em Miraflores
Para o tempo matar, trovando aos meus amores.
Os noivos estão longe, a lenha ao pé do lume...
Ah! quantas amarei, conforme o meu costume!
Ai! quantas tenho amado! Agora, quando penso
Que ha tanto moço ardente e n'este amor immenso,
Serão meus filhos? digo.

D. Guido

Ó pae do exercito!

D. Fuas

Alto!
Não sei porque has de rir. Dou provas, se me exalto.

D. Guido

Francamente, meu tio, a tal ninguem o emprasa...
Mas em coisas d'amor... costuma pôr de casa.

D. FUAS

Pois inda hontem revi, que todas hei marcado,
Quantas soube render meu culto apaixonado.
Contei... trez mil e nove!

ANTONIA

Em nome de Deus Padre!

D. FUAS

Desconfias de mim? Pergunta ao meu compadre.

GASPAR, *rindo*

Tanta mulher, senhor!... É coisa que não chove.
Perdoe Vossa Mercê,... porém trez mil e nove...!

D. FUAS

Se não for essa a conta, é pouco mais ou menos.
Ai! que tempos d'amor! Que dias bons, serenos...!
Sempre sou por quem ama.

Chama Antonia e D. Guido de parte. Gaspar sobe a conversar com Pedro e Caterina

Ha tempo um moço nobre,
Cujo nome, discreto, o Cardeal encobre,
Seduziu, por seu mal, a filha d'um judeu.
Triste andava o christão, judaísou,... venceu.

ANTONIA

Infame!

D. FUAS

O Cardeal, que o soube, quiz matal-o.

ANTONIA

Era bem de justiça.

D. FUAS

Aos pés d'El-Rei, lhe falo,
Longo tempo no amor, sem pejo, sem receio,
Ah! nobre moço!... Emfim, El-Rei sorriu... Salvei-o!

D. GUIDO

Salvou?

D. FUAS

Mando d'El-Rei, máu grado o Cardeal
Durma na santa paz, emquanto em Portugal
Reinar D. Sebastião.

D. GUIDO

Mas não sabeis quem fosse...?

ANTONIA

Meu Guido, que te importa? O nosso amor tão doce
Que tem co'o amor dos mais?

Dando-lhe o braço e levando-o para o fundo

O tempo foge, Guido.
Repara em minha pena, escuta o meu gemido.

D. FUAS, *para uma rapariga, que vem atravessando a scena*

Onde vais, morenita, assim tão guapa e linda!
Quem fôra Florambel, se fosses Graselinda!

A RAPARIGA, *sorrindo e cortejando D. Fuas*

Senhor...!

Entra na egreja.

D. FUAS, *a Beltrão, apontando para a rapariga e piscando o olho*

Trez mil e dez!

BELTRÃO, *encolhendo os hombros, ironico*

Um velho que mais pode
Que retorcer galante as pontas do bigode?

D. Fuas

Por S. Fernando! Audaz falaste e como quem
Ou se morde d'inveja ou nunca amou ninguem.
As donas infieis, meninas e viuvas,
Beltrão, nunca as tratei, como a raposa as uvas.

Beltrão

Vossa Mercê perdoe se lhe falei tão rude.
Tanto melhor! Admiro a sua juventude!
E é tão simples comtudo amar e ser amado
Sem termos na velhice o algoz ao nosso lado!

D. Fuas

Tão simples achas tu!

Beltrão, *como receoso*

Não vá causar-lhe tedio...!

D. Fuas

Explica-te.

Beltrão, *baixo*

Conheço um singular remedio,
Um elixir subtil, que manso e manso invade
As fibras onde entorna a vida e a mocidade.

D. Fuas

Pois guarda-o para ti. Detesto essa impostura.
Ou bem que é dia claro, ou bem que é noite escura.
Ser novo, eis a questão; ter n'alma a primavera!

Beltrão

Em pleno outomno é raro.

D. FUAS

E' raro? Ai, quem me dera
Um temporal no mar em que a minh'alma voga!

BELTRÃO, *fazendo menção de retirar-se*

Como queira.

D. FUAS

E...

BELTRÃO, *voltando*

Senhor?

D. FUAS, *como indifferente*

Quanto custa essa droga?

BELTRÃO

Embora para obtel-a a lida seja immensa,
Será poder servil-o a minha recompensa.

Gaspar, Antonia, D. Guido, Pedro e Caterina veem descendo. Durante a scena os soldados foram sahindo e as raparigas entrando na egreja

GASPAR

E vais contente, Pedro?

PEDRO

O santo do meu nome
Foi papa. Eu serei mais; para mais Deus fadou-me!

BELTRÃO

De quem pensa é chorar, de quem não pensa o riso
E' verdade afinal:

Apontando para Pedro

— Ser tolo é ter juizo!

Sobe

ANTONIA, *descendo pelo braço de D. Guido*

Que funebre pensar o teu sorriso esconde?

BELTRÃO, *para um soldado que vae atravessando a scena*

Vais triste? Vais morrer?

Apontando para o Conde que vem entrando

E's mais feliz que o Conde.

Sae

SCENA IV

GASPAR, PEDRO, CATERINA, ANTONIA, D. GUIDO, D. FUAS E CONDE

CONDE, *para D. Guido*

Venho dizer-te adeus.

D. GUIDO

Adeus, meu Ruy.

CONDE

Tão breve
Quanto possa, irei ver-te. A minha irmã não deve
Em Lisboa estar só no embarque teu. Lá, pois,
Dar-te-hei mais um abraço e voltarei depois.

D. GUIDO, *abraçando-o*

Meu Ruy, quasi um irmão mais velho em ti venero.
Em teu peito extremoso, embora tão severo,
Antonia ha de encontrar riquissimos thesoiros.

CONDE

Bem quizera partir, levar a guerra aos moiros;

Não deixa o Cardeal. E' sorte minha emfim,
Viver, como ninguem, co'a morte dentro em mim!

Antonia, *apontando para a egreja*

Vejo que soffres. Vem, irmão, commosco. A prece
Traz um balsamo santo a uma alma que padece.

Conde

Comvosco já vou ter, caros irmãos. D. Fuas,
Quero fallar-vos.

D. Guido, *entrando na egreja com Antonia e Gaspar*

Soffre?

Antonia

Ama. Pobre Ruy!

Pedro, *sahindo com Caterina*

Tuas,
Só tuas, minha vida, arruinam-me as saudades!

SCENA V

D. Fuas e Conde

D. Fuas

Que novas temos, Conde?

Conde

Ha tenues claridades
N'um ceu de escura noite, ha risos na desgraça,

Ha canções pastoris n'um vendaval que passa;
Mas na minh'alma afflicta ha só tristeza e luto!

D. Fuas

Pois, meu Conde, é fugir, sem perda d'um minuto!

Conde

E' tarde, já não posso.

D. Fuas

O poeta, que os conhece,
Lá diz do baixo amor que os fortes enfraquece.

Conde

Meu peito é de granito e todo o mal affronta;
Se um punhal lhe tocar ha de quebrar-lhe a ponta.
Oh! Deus! saber quem foi!

D. Fuas

Demais sabeis da historia.
Pudera essa infeliz calar-se, na vangloria
De ter-vos a seus pés, vencido e desprezado;
Era muito, não quer, revela o seu peccado!

Conde

Por isso mais a adoro!

D. Fuas

O pago que lhe daes!
Ella só quer a paz, vós affligil-a mais!
E' lembrar quanta inveja a vossa escolha inflamma.
Fazer da christã nova a mais illustre dama!
Fosse ella digna esposa e o caso era de emboras;
Mas, Conde, d'esta vez chegastes a deshoras.

CONDE

Porque ha de este soffrer, que o amor em mim produz
Ser qual chamma infernal que abrasa e não dá luz?
Senhor Deus, se eu pudesse amal-a sem vergonha!

D. FUAS

Mais valera beber um copo de peçonha.
O corpo é bello, o peito amante, mas não basta.

CONDE

A alma é santa!

D. FUAS

Talvez; ha muito já que arrasta
Os grilhões do remorso.

CONDE

E então?

D. FUAS

Quanto mais cedo.
Arrancae-lhe a memoria e casareis sem medo;
Aliás é-vos traidora; a imagem do outro amante
Um beijo invocará, medonha, a cada instante!

CONDE

O amor que á gente nova é luz, onde amanheça,
Encheu-me, liberal, de brancas a cabeça!
Soffro demais, não quero! O naufrago sedento
Bebe o mar, que mais vale a morte que o tormento.

D. FUAS

Tinha a razão por mim.

CONDE

Não posso mais...!

D. FUAS

Pois seja.

Fiat voluntas tua. E' já latim d'egreja!

Entra na egreja.

SCENA VI

CONDE E CATERINA

Caterina entra chorando, com o lenço nos olhos, dirigindo-se para a egreja.

CONDE

Cachopa, vaes chorando?

CATERINA

Ah, senhor Conde, agora
Ao Pedro disse adeus!

CONDE

Teu noivo tambem chora?

CATERINA

Se me quer bem, senhor!

CONDE

Amas então deveras?
E elle tambem?

CATERINA

Senhor, creio que sim.

CONDE

E esperas
Casar com Pedro em breve?

CATERINA

Espero assim que volte.

CONDE

E depois?

CATERINA

E depois... nunca heis de ver quem solte
Mais alegre cantar em toda a redondeza!
Então me vingarei dos dias de tristeza!

CONDE

Como eu te invejo!

CATERINA

A mim!

CONDE

E ao teu noivo.

CATERINA

Deus ha de
Talvez um dia dar-lhe egual felicidade.

CONDE

Pois resa a Deus por mim, se és pura.

CATERINA, *cumprimentando*

Senhor Conde...!

CONDE, *vendo Maria abrir a porta de casa*

Vai-te.

SCENA VII

CONDE E MAIRA

CONDE

Maria!

(Vendo que Maria passa sem lhe responder)

Escute. Então nem me responde!

(Maria para, já com o pé sobre o primeiro degrau do adro da egreja)

Que mal lhe fiz? Quem sempre acóde á dor alheia
Porque despreza a minha?

MARIA

Afflicta, lastimei-a.
Sei que soffre; demais o sei por mim. Ocioso,
Só fala contra o jus que tenho ao meu repouso.

CONDE

Perdão, Maria!

MARIA

E' sem remedio o mal. Bemvindo
O meu descanço é pois. Tudo entre nós é findo.

CONDE

Menos o nosso amor!

(Emendando)

Menos o meu!

MARIA

Perdida!

CONDE

Sempre occulto na sombra, odiava o mundo e a vida.
Um dia um anjo bom...—Um anjo?... Um anjo, sim —
Viu-me triste e sósinho e teve dó de mim,

Abriu-me os braços seus n'um generoso amplexo,
E eu voguei pelo espaço, attonito, perplexo,
Como quando na aurora os sonhos tomam vultos!
Rompendo a nuvem densa, ergueu-me aos ceus occultos,
Mostrou-me a luz do sol, livrou minh'alma escrava...!
E eu não julgava então que a luz tambem matava!

Maria

Quanto mais me valêra o nunca ter nascido!
E' minha a culpa! Deus escute o meu gemido!

Conde

A confissão redime a culpa a quem a chora...
Tão santa a conheci, mais santa a vejo agora!

Maria, *com espanto*

Perdôa!

Conde

Pois se a adoro!

Maria, *como em extasis*

O' Deus do ceu! Parece
Que dentro da minh'alma em jubilo amanhece!
Como eu soffria a sós co'os meus remorsos! Falle,
Regue a flor que plantou no afflicto, adusto valle
De lagrimas e dôr! Diga... Perdôa?... Diga!
Que bem me faz ouvir a sua voz amiga!

Conde

Como halito infernal um nevoeiro apenas
Inda tolda as manhãs que hão de luzir serenas;
Mas que os anjos do ceu, piedosos, me coadjuvem,
E saberei tambem despedaçar a nuvem!

Entra Peltrão

Maria

O que diz, meu senhor?

Conde, *passando a mão pela testa*

Ciumes doidos!

Outro tom, sorrindo

Olhe

Que enfermo e louco amor seu brando amor acolhe!
No immenso espaço azul, vogando em mar superno,
Comigo levo n'alma o esbraseado inferno!

arrependido

Perdão, Maria!

Maria

Vê?... Sonhei! Triste acordar!

Conde

Entre na egreja; ali, rendida, aos pés do altar,
Supplique a Deus justiça.

Maria

Oh! não, que tenho medo!

Conde

Esqueçamos, Maria, o seu fatal segredo.

Ternamente

Dize que me amas.

Maria, *baixo*

Sim.

Conde, *abraçando-a*

Repete.

Maria

Se te adoro!

CONDE, *deixando-a*

Vae... Resa... Deus nos legue a vida que lhe imploro!

MARIA, *dirigindo-se para a egreja*

Ou me deixe sonhar nos ceus a que eu subi!

BELTRÃO, *nos degraus da egreja, ironico*

Rese por mim tambem.

Maria para surprehendida.

MARIA, *depois d'um silencio*

Sim ... Resarei por ti.

Entra na egreja

SCENA VIII

CONDE E BELTRÃO

CONDE, *colerico*

Beltrão!

BELTRÃO

Que modos!... Peço uma oração!... Não cria
Que tão pouco offendesse a Vossa Senhoria!

Ouve-se dentro da egreja a voz de Maria resando. Responde-lhe o povo.

CONDE

Pois cuidado na lingua, e arreda, cão tinhoso,
Ou te abafo na guela o teu ladrar de goso!

BELTRÃO, *apontando para a egreja*

Que virtude tão sã! Mas que infeliz trabalho!
Onde poz a negaça encontra-se o espantalho!

Conde

Como falas?

Beltrão

A sós comigo.

Conde

Injuria ou chiste,
Tocaste em minha dor; pois conta-me o que viste.

Beltrão

O pae que anda por fóra, a filha que é ladina,
O moço que é galhardo, a mãe que é celestina,...
E' coisa natural, muito acontecedeira...
O filho que ella tem?.. Não vale essa canceira.

Conde

Sabes o nome...?

Beltrão

Dando um rebusco á memoria,
Talvez saiba contar a minuciosa historia.

Conde

Um nome só dirás; conquistas a riqueza!

Beltrão

Grato beijo-lhe as mãos por mais essa fineza.
O nome não direi. Só quando me aprouver.
Quer vingar-se? E eu tambem, porque amo essa mulher!

Conde

Tal arrojo em teu labio é quasi um sacrilegio!

Beltrão

Pois tendes, cortesãos, mais esse previlegio?

Se amei!... Que as maldições que urrei de immensa raiva
Lhe caiam na cabeça em golpes de saraiva!
Ha tanta dama bella e d'altas gerarchias...!
Deixae-nos aos judeus as filhas das judias.

Conde

Perro immundo, co'o nome em vão calar-te pensas,—
Confessas-te judeu! — no potro, sem detenças,
Has de cuspil-o!

Beltrão, raivoso

A lingua hei de eu cuspir-lhe á cara!

Outro tom, ironico

Mas Vossa Senhoria é louco e não repara
Que eu só na minha mão tenho a vindicta nossa!
Co'o judeu tente o accordo, illustre Conde d'Ossa!
Abona o meu segredo a paz do meu futuro.

Conde

Se o revellas, marrano, até serei perjuro,
Calando o teu peccado.

Beltrão, *rindo, ironico*

E' forte novidade!
Repito o beija-mão! Que singular bondade!

Olhando para o fundo

Vem gente.

Baixo

Meu senhor, basta por hoje. E, quando
Como esposo me obrigue, irei talvez falando.

Conde

Dirás tudo?

Beltrão

Se vivo e El-Rei voltar.

CONDE

Se não...?

BELTRÃO

O Cardeal é rei, que esplendida funcção!

Entram Christovam de Tavora, Martim Affonso, Vasco da Silveira e João de Castilho.

CONDE, *baixo a Beltrão*

Não mais perdão tereis, judeus, se me pisardes!

BELTRÃO, *alto, de modo a ser ouvido*

Deus o guarde, senhor, e muito boas tardes!

Beltrão sai. Cessam as orações na egreja.

SCENA IX

CONDE, CHRISTOVAM DE TAVORA, MARTIM AFFONSO, VASCO DA SILVEIRA E JOÃO DE CASTILHO

TAVORA

Senhor Conde!

CONDE

Senhor!

TAVORA

Vosso cunhado?

CONDE

Resa
Para que Deus lhe assista. El-Rei, que muito o presa,
Pediu-lhe acompanhasse os homens de Almeirim.

SILVEIRA

De todo o reino acode a gente!

TAVORA

E' certo. Assim
Já contamos com mais de vinte mil soldados.

MARTIM AFFONSO

Tantos hão de ficar no campo derrotados.

CASTILHO

E' quasi noite, pia o mocho!

CONDE

Os meus esperam;
Se permittis...

TAVORA, *cumprimentando*

Senhor!

SILVEIRA

D. Guido e os seus quizeram
Pedir auxilio a Deus. Que Deus seja por nós.

CONDE

E se digne escutar benigno a nossa voz.
Entra na egreja.

SCENA X

CHRISTOVAM DE TAVORA, MARTIM AFFONSO, VASCO DA SILVEIRA
E JOÃO DE CASTILHO

TAVORA

Senhor Martim Affonso, El-Rei se vos ouvisse...

MARTIM AFFONSO

Chamava tonto ao velho e ao senso rabugice.

Vinte mil valentões que uma criança leva
De presente ao Maluco!

CASTILHO

A todos sobreleva
Nas graças da oratoria o heroe de Bijapor!

TAVORA

Senhor Silveira, e vós? Que havemos de suppor
D'esse aspecto soturno em militar tão bravo?

CASTILHO

O rei dos coroneis de bruxas feito escravo!

SILVEIRA, *para Christovam de Tavora*

Senhor, só temo a Deus.

Para João de Castilho

Castilho, porque rides?

TAVORA

Vós tão nobre, valente e forte como Alcides,
E a quem El-Rei concede o mais honroso cargo,
Porque assim vos molesta um pesadelo amargo?

CASTILHO

Meio doido foi sempre e é quasi doido inteiro
Depois que um frade ouviu falar D. João Terceiro.

SILVEIRA, *soturnamente*

Como vós, tambem eu sorri d'esses lamentos
Do fantasma d'El-Rei nos claûstros dos conventos.
Cedo o riso fugiu por mal dos meus peccados.
Quando a Beira corria a levantar soldados,
A mesma voz soturna, a predizer flagellos,

Por toda a parte ouvi nas ruinas dos castellos
E eu disse para os mais: — «Do sul, que se encafurna
Na abobada a gemer, se escuta a voz soturna.»
Mas tremo se de novo os pinheiraes da estrada
Repetem pela noite a mesma voz maguada
E o nascente luar minh'alma inda conturba
Co'as sombras a bulir, visões em negra turba!
Aqui cheguei por fim e, ao cabo da viagem,
Já me foge a razão, fallece-me a coragem,
Que, ha dias, mal dormindo, ouvi distinctamente
Tres pancadas á porta e a mesma voz gemente
Batia meia noite... A espada!... Corro!... A sombra
Era além na Coitada, e o seu tamanho assombra!
Arrastava grilhões, vestia negro luto,
O rosto dando á lua e ao vento o pello hirsuto!
E eu gritei-lhe: — «Senhor! do vosso throno d'oiro
Porque baixaes ao mundo em tão funesto agoiro?»
E a sombra respondeu-me, alto erguendo a estatura:
— «Por vós choro e por mim, da patria a desventura!»
E a voz, que inda hoje escuto, era sahida do Orco...!
Sol fora, achei-me em terra, a soluçar, de borco!

TAVORA

Sonhastes, coronel, essas visões do inferno.
Gosa ha muito D. João do resplendor eterno.
Quereis então pedir dispensa do logar?

SILVEIRA, *altivo*

Não! Deus manda morrer, não manda recuar!

Entra gente do povo pelo fundo, correndo; rapazes adeante, trepando ás arvores.

VOZES

El-Rei que chega. El-Rei!

TAVORA

Silencio. Ao nosso posto!

Saem para receber El-Rei.

SCENA XI

OS MESMOS, MARIA, ANTONIA, CATERINA, D. FUAS, CONDE, D. GUIDO, GASPAR, BELTRÃO, ESTALAJADEIRO, ESTALAJADEIRA, HOMENS E MULHERES DO POVO

Os differentes actores espalham-se pela scena; apparecem as mulheres ás janellas. Ouve-se ao longe a marcha dos pifanos e tambores. Vem descendo a noite.

CATERINA, *abraçando-se á estalajadeira*

Minha mãe, quem me acode ao meu cruel desgosto?

BELTRÃO

E' quasi noite. Chega a tropa. Venho ao sino.

CONDE, *para D. Fuas*

Hei de saber quem foi. Prosigo em meu destino.

Vai novamente dar o braço a Maria com quem conversa cortejando-a.

ANTONIA, *para D. Guido, mostrando-lhe o Conde e Maria*

Para mim desce a noite e áquelles nasce a aurora.

D. GUIDO

Pois ama-a!

ANTONIA

E vai casar. Só dás por isso agora?

GASPAR, baixo a Maria

Maria, abra-me o céu! Minh'alma desespera.
Vôa, doce andorinha, acorda a primavera!

D. GUIDO, baixo a D. Fuas, apontando para Maria

Amante, essa mulher cedeu-me os seus afagos.

D. FUAS, attento

Que dizes!... Falam pois os corações presagos!
Dolorosamente
Alguem, que Amor feriu, chamou-lhe irmão da Morte!

BELTRÃO, baixo a Gaspar

Triumfaste afinal!.. Pois não te invejo a sorte.

VOZES, dentro

Viva El-Rei! Viva! Viva!

ANTONIA, abraçando D. Guido

Adeus, meu Guido! Parte!

D. GUIDO

Fosse outra a minha vida e tão sómente amar-te!
Corre a collocar-se á frente das tropas.

SCENA XII

Os mesmos, El-Rei, Pedro, soldados, criados, pagens, fidalgos e depois Sancha Mocho

Entra o povo adeante dos soldados, andando ao som dos pifanos e dos tambores. Pedro entre os soldados. El-Rei a cavallo. Criados aos lados. Seguem-o pagens e fidalgos a cavallo. Os soldados formam a direita El-Rei desce ate ao meio da scena. Grupos nos espectadores.

El-Rei

Soldados, meus irmãos, na paz socios dilectos,
Socios hoje na guerra, auxilio aos meus projectos!
Qual não puzera a dor minh'alma merencoria,
Se debil me ficasse alheio a tanta gloria!
Pela fé, pela patria! E' justa, é santa a guerra!
E a voz que vos anima ao longe o moiro aterra!
Coragem, que achareis nas africanas praças
Os mortos certa a gloria, os vivos minhas graças!
Venceremos sem custo o escravo baixo e fosco
Vós, porque ides comigo, eu, porque vou comvosco!
E na manhã seguinte ao dia da campanha,
Sosinho hei de subir aos altos da montanha;
O sol virá nascendo e a bruma que se eleva
D'oiro, esmalte e rubins, debella e expulsa a treva.
De joelhos a meus pés, emquanto um astro assoma,
Verei, submissa escrava, a gente de Mafoma.
E o celeste esplendor, será, nuncio do dia,
O diadema imperial que o proprio ceu me envia!

Fica durante instantes silencioso, fitando os olhos no ceo

E' tempo de partir. Deus vá comvosco. Oremos
Afim que Deus nos abra os mananciaes supremos.

BELTRÃO, *dirigindo-se para o sino e passando junto de Gaspar*

Que bella maldição lhes vou lançar agora!

EL-REI

N'este momento um reino inteiro os céus implora!

Silencio grande. Beltrão dá vagarosamente o primeiro toque das Ave-Marias. Todos se descobrem. As mulheres e os homens ajoelham.

SANCHA MOCHO, *dentro, com voz arrastada, cheia de magoa*

Ai...! Chorae...!

BELTRÃO, *rindo, baixo para Gaspar*

Sancha Mocho a recordar o pae!

Segundo toque

SANCHA MOCHO, *atravessando lentamente a scena*

Ai, meus irmãos...! Chorae..! Chorae...! Chorae...! Chorae...!

Cae nos degraus da egreja com um accidente. Terceiro toque.

EL-REI, *depois de um instante, benzendo-se devotamente*

Amigos, é marchar! O diabo n'essa bruxa
Lamenta a sorte sua e perfido estrebucha!
Ao sino d'esta egreja ouvistes, meus soldados,
O canto da victoria!

SILVEIRA, *a Martim Affonso*

Um dobre de finados!





ACTO IV

Sala no palacio do Conde. Porta ao fundo para a rua. Portas lateraes para o interior. Mobilia riquissima. Panoplias. Quadros, etc.

SCENA I

GASPAR E BELTRÃO

BELTRÃO

Contente, hein?

GASPAR

Como vês.

BELTRÃO

Gordo, anafado!

GASPAR

Foi-te

Mais dura a sorte.

BELTRÃO

Foi, mas durmo toda a noite;

E acordo a rir, a rir...! Que sonhos, meu Gaspar!
Como passa o teu genro, o grande familiar?

GASPAR

Muito bem.

BELTRÃO

E feliz?

GASPAR

Parece.

BELTRÃO

Grande amigo!

GASPAR

O Conde?

BELTRÃO

Sim, o Conde. E muito bem comigo.

GASPAR

Beltrão!

BELTRÃO

Cuidas que eu zombo?

GASPAR

Estás em sua casa!

BELTRÃO

Eu só conheço o mal que barbaro o atenasa,
E eu só na minha mão tenho o fatal remedio!
Mas tu! .. Como estás lindo, alegre, moço e nedio!
Liberal recompensa a tanta desvergonha.

GASPAR

Bargante, vens aqui babar tua peçonha
Ou só te arrasta a inveja odienta que te roe?

Beltrão

Mandou-me aqui chamar o nosso grande heroe.

Gaspar

D. Fuas?

Beltrão

Pobre velho!... E vim saber do Conde.

Gaspar

Fazes-me hoje pavor. Teu riso um crime esconde.

Beltrão

Tu com medo!... Tens graça. Então que mais desejas?
A novas ambições dará, como a cerejas,
Mudo abrigo profundo o estomago de ferro?

Gaspar

Mal sabes que martyrio inda em minh'alma encerro!

Beltrão

Es triste qual cipreste, o Conde é semi-louco,
Maria, a casta flor, definha pouco a pouco...!

Gaspar

Sabes porquê?

Beltrão

Sei.

Gaspar

Fala e pago-te o segredo.
Expulsa este fantasma atroz que me faz medo.

Beltrão

Ha dias, na charneca, os diabos, que me outorgam
Co'o temporal desfeito o cantochão d'um orgam,

As nuvens deram luz co'o raio que as lebrou.
Eu colhia um veneno e a Sancha uivava á luz.
Subito estala um raio e ardente os céus inflamma!
Co'um grito a Sancha cai de rosto sobre a lama!
Livida, tem nas mãos fechados os polegares,
Vai retorcendo um braço, o rosto faz esgares;
Deita a lingua de fora e n'ella os dentes ferra.
Mais um trovão ribomba e vai de serra em serra,
Rolando até morrer. E eu vi co'a luz do raio,
N'um só momento, o horror de tão cruel desmaio.
Menos pallida já, suja de sangue e baba,
Marrava sobre o chão. Novo trovão desaba...!
Com medo e frio, bato o queixo...! Mal funesto!...
Depois... Não sei... Que mais? Não sei contar o resto
Supponho que acordei sob as bategas d'agua...
Vi Sancha ao pé, chorando, em silenciosa magua.
Por muito tempo, julgo, estupidos, sem fala
Nos quedámos, emquanto a trovoada estala.
Se bem me lembra, quiz erguer-me... fiz o assomo...
Sancha amparou-se a mim... Démos uns passos como
Dois bebados trocando as pernas. Vi depois
Que o mal, que fôra o d'ella, agora era dos dois!
Oh, raiva! perceber que a morte anda tão perto!
Alem, ao temporal, no vasto chão deserto.
Em convulsões, moendo os peitos, gafanhotos
Aos coices, espumando, em raivas, doidos, rotos,
Os dois eramos como uns titeres saltando,
A que um demonio, a rir, puxa os cordeis, nefando.
Por isso é que eu me vingo e odeio o mundo inteiro!
Apressa-me a vingança e guarda o teu dinheiro.

SCENA II

Os mesmos e D. Fuas

D. Fuas, *entrando*

Olá, Beltrão!

Beltrão

Senhor?

D. Fuas

Trouxeste...?

Beltrão, *dando-lhe um frasco*

Duplas forças.

D. Fuas, *erguendo o frasco, alegre*

O leão sacóde a juba! Álerta humildes corças!

Baixo a Beltrão

Parece-me engulir todo o calor do inferno.

Beltrão

Um dia só de abril prefere a todo o inverno.

Para Gaspar

Que pena que eu não veja alguem, com sorte egual,
Dançando na charneca, ao som do temporal!
Que esplendida galhofa! E como eu me quedára
A rir, a rir, a rir,... doce pombinha cara!

Sai, rindo ás gargalhadas.

SCENA III

GASPAR E D. FUAS

D. FUAS, *rindo*

É louco este Beltrão.

GASPAR

Talvez que a nossa vida
No silencio do louco ou seu falar resida.

D. FUAS, *mostrando o frasco*

Aqui, compadre amigo, a vida e a mocidade!
Porque ha de um sonho máu ralar-vos, e porque ha de
O mocho sempre ouvir se em vez de ternas rolas?
Tristes Maria e o Conde, e vós falando empolas!
E todo o reino assim, co'os sonhos d'um máu vinho,
E eu vou cantando o amor e as glorias que adivinho!

SCENA IV

OS MESMOS, ANTONIA E CATERINA

ANTONIA, *entrando com Caterina*

Deus o salve, senhor meu tio.

D. FUAS

Á luz do dia
Ergue já seu cantar a alegre cotovia?
Beijando-lhe a mão
Tão matinal, sobrinha!

ANTONIA

A noite é-me inclemente.
Chora o leito comigo o terno esposo ausente!

D. FUAS, *brincando*

Já não falta ninguem! Agora é pois completo!
Já todos teem de acordo egual funereo aspecto!
Esse rosto em que Amor tal formosura glosa
Que manhã de S. João foi nunca tão formosa?
Que máu sestro chorar! Nos campos d'Ampelusa
Entorna a est'hora Deus mercês com mão profusa!
Minha Antonia sem par, teu pranto é mal cabido;
Quem diz guerra diz gloria, heroe quem diz D. Guido.

ANTONIA, *sorrindo*

Oiço-lhe a voz e logo a minha dor amansa;
Ao vel-o assim confiar, renasce-me a confiança.

CATERINA

Tanto melhor! Por mim espero em Deus... e n'elle!

D. FUAS

Em teu Pedro, cachopa?

CATERINA

Um homem como aquelle...!
Pois em quem, meu senhor?

D. FUAS, *galanteando-a*

Fôra elle e fosses minha!

Para Antonia

Lindo amor, onde vais tão pela manhãsinha?

ANTONIA

Maria deve estar passeando no jardim,
Vou falar-lhe em meu Guido e terá dó de mim.

D. FUAS, *rapido*

Vais falar-lhe em teu...?

ANTONIA

Vou... Porquê?

GASPAR

Se dá licença
Que a conduza...

ANTONIA

Decerto.

Approximando-se de D. Fuas, que parece distrahido

O meu tio em que pensa?

D. FUAS, *passando a mão pela testa*

Uma vertigem.. ! Nada!

ANTONIA

Adeus.

D. FUAS

Uma vertigem...
E tenho frio... Adeus!

SCENA V

D. FUAS E CATERINA

D. FUAS

São males que me affligem
Dês quando á minha vida o facho lhe desperto.

Outro tom

Não me achas um rapaz?

CATERINA

Senhor!

D. FUAS

Guapo?

CATERINA

Decerto.

D. FUAS

Ah! se não fosse o Pedro!...

Dando lhe o frasco

Escuta, alma adorada,
Traze agua e deitarás co'as tuas mãos de fada
Tres gotas d'esta limpha... É pouco... Deita seis...
Deita dez...

CATERINA

Tenho medo...!

D. FUAS

Entorna!... E sabereis,
Borboletas gentis, onde encontrar guarida!

CATERINA

Mas isto o que é, senhor?

D. FUAS

Queres sabel-o! . . . É vida!

Cantando emquanto Caterina vai buscar a agua

Quem levára a deanteira,
Muitas amando em porfia,
Galaor na vida inteira,
Ou D. Fuas n'um só dia?

Para Caterina, que lhe offerece o copo

As mãos, Natercia linda, eu beijo a Vossa Alteza.

CATERINA

Beijo as suas, senhor, por tanta gentileza.

D. FUAS, *depois de beber, nauseado, afastando o copo que entrega a Caterina*

Se do amor victorioso agora não me orgulho,
É que obsta aos madrigaes a teima d'este engulho.

SCENA VI

OS MESMOS E O CONDE

CONDE, *entrando*

D. Fuas, inda bem que vos encontro. Quero
Um bom conselho ouvir que da amizade espero.

D. FUAS

Ás vossas ordens.

CONDE, *para Caterina*

Vai, pequena. Mais consola
Um triste a quem é triste. E Deus te pague a esmola.

Caterina

A vossa irmã, senhor?

Conde

Sim, Caterina. Adeus.

SCENA VII

D. Fuas e Conde

D. Fuas

Um caso novo?

Conde

Não. Velhos peccados meus.

D. Fuas

Pois ha nuvem que tolde em noites tão serenas
Uma lua de mel que vem nascendo apenas?

Conde

Fumo negro do inferno!... Adoro-a!... E, louco, chamo
A desgraça fatal sobre essa que mais amo!
Em seus labios glaciaes nem já sequer diviso,
Mentira caridosa, o adejo d'um sorriso!
Vive hospede entre nós teimoso espectro horrendo!

D. Fuas, *rindo*

Já dizem pela villa: — «Ha coisa má gemendo,
Á noite, nos salões d'este solar vetusto.»
Amado e tão feliz, viverdes sempre em susto!
Alegrae-vos, passeae, moitas batei caçando,
Doce o vento heis de ver soprar galerno e brando.

CONDE

Fui surdo á vossa voz. Tinheis razão de sobra.
E quanto mais o afasto e tanto mais redobra
O impulso da vingança, embora eu desça ao crime!
Escalda-me na fronte e o coração me opprime,
Os nervos me percorre e póe-me assim convulso,
Sinto-o no ar que respiro e bate-me no pulso!
Vencido e vencedor serei na estranha lucta.

D. FUAS

Que demencia cruel vos rege e vos transmuta
A brisa em temporal, perfumes em miasmas,
E os sonhos bons d'amor em tetricos fantasmas?

CONDE

Ah! negro espectro! Quando o exhausto corpo deito,
Parecem-me a mortalha os linhos do meu leito!
É que não lhe bastou,— requinte de crueza! —
Rir da nossa oração, sentar-se á nossa meza;
Solicito, espreitando as occasióes propicias,
Sobe do inferno e surge entre as nossas caricias!
E sentimos então, da noite no segredo,
O arfar dos coraçóes, que batem só com medo!
Com seus dedos crueis, entrando em horas certas,
Mantem-me toda a noite as palpebras abertas.
Maria, junto a mim, presinto que não dorme...
Dois mortos n'um sepulchro, entre o silencio enorme!
O espectro vive só, fere com duplo gume,
A ella co'o seu remorso, a mim co'o meu ciume!

Mudando de tom

Filho, que vais nascer, manhã d'um dia bello!
Pedra em que hei de fundar o triumphal castello
Da sonhada ventura! Anjo bemdito, enflora
Tuas azas nos céus, e surge, doce aurora!

Possa eu n'um beijo haurir o aroma d'outro beijo,
Nas rosas do teu labio, ó filho por que almejo!

D. Fuas

N'uma arida charneca um pilriteiro em flor!

Conde

Mas a pobre Maria!... E o filho... do outro amor?
Deve amal-o tambem, porque é seu filho, deve.
E quando este, o que é meu, co'um riso nos enleve,
E for, manso e feliz, crescendo entre os afagos,
Lindo como Jesus sorrindo entre os reis magos,
Ess'outro, coitadinho, irá, no desabrigo,
Pouco a pouco, a murchar, sem ver um rosto amigo,
Sem ter ao menos quem, d'amor em terna prova,
Lhe vá chorar depois saudades sobre a cova!

D. Fuas

O santo amor, que inspira os corações dos paes,
É como em chão fecundo as chuvas outomnaes!
Na aridez d'esse peito um lirio desabrocha,
Verdejam troncos d'hera em volta d'uma rocha!

Conde, *impetuosamente*

Calae-vos! Não sabeis que odeio essa criança?
Arrependido
Odeio?... Não, que é luz, santelmo da bonança!

D. Fuas

Que tencionaes fazer? Que mais celeste brilho
Derrama na voss'alma, um anjo, vosso filho?

Conde

Pelo irmão supplicante, ordena-me que o traga

Maria soffre...! Entorno o balsamo na chaga.
A quem vos perguntar, direis que sou seu pae.

D. FUAS

E sua mãe...?

CONDE

Morreu.

D. FUAS, *enternecido*

Conde...!

CONDE

Por mim, olhae,
Por mim sómente o quero...

Soturnamente

e a paz assim me aguarda!

D. FUAS

Esse infeliz vai ser o anjo da vossa guarda.

SCENA VIII

OS MESMOS E MARIA

D. FUAS, *para Maria, que vem entrando*

Eil-a que chega. Vem, bemdita entre as mulheres,
Deus te abençoe no ventre o fructo que tiveres,
Ó mãe cheia de graça.

MARIA, *sorrindo*

É quasi a Ave Maria!

D. Fuas

Já te vejo a sorrir, Senhora da Agonia!
Bem vais, minha afilhada, alegra esse teu rosto,
Onde não mais se imprima a ruga d'um desgosto!

Maria

Padrinho, sou feliz.

Conde

Sel-o-has, quanto o mereces,
Que Deus prestou, piedoso, ouvido ás tuas preces.

Maria

Nem uma nuvem só, n'esta manhã tão pura,
Virá, por mais subtil, toldar nossa ventura!

Conde

Falas verdade?

Maria

Falo.

Conde

És pois feliz?

Maria

Bem vês.

Conde

Doce Maria, vejo a afflicta pallidez,
Que espalham no teu rosto as noites mal dormidas.
Toma côr e resurge ao sol das nossas vidas!
Deus um filho nos dá, desponta um dia bello,
Esse anjo ao nosso amor reune mais um elo!

Maria

Será como um brilhante a refulgir precioso
Na cadeia que me une ao meu dilecto esposo!

Conde

Meu disvélo constante e meu perenne encanto,

Com intenção

O amor que em mim difunde é puro e sacrosanto;
Dentro d'alma a brilhar toda a minh'alma aquece,
Feito da branca luz do céu, quando amanhece!

Ternamente

Esposa, é como o teu?

Maria baixa a cabeça sem responder

Maria, não respondes?

Abraçando-a

Porque emmudeces, filha, e assim teu rosto escondes?
Já vês, mentiste em vão. Que vale o teu disfarce?
Porque nasce uma estrella, um'outra ha de apagar-se
Na noite da tu'alma, ó minha santa esposa?
Tens no peito um sepulchro, arranca presto a lousa;
Crescida em teu calor, de lagrimas regada,
Que á flor possam banhal-a os raios da alvorada!

Maria

Meu Ruy, não te percebo!

Conde

O riso quebre o gêlo
Dos teus labios. Acorda!... É findo o pesadelo!...

Maria

Ruy...!

Conde

Cala-te, mulher! O maximo perdão
Illumina a minh'alma ..

Baixo a D. Fuas

...e rasga o coração!

Sai

SCENA IX

D. Fuas e Maria

Maria

De novas graças cheio o cofre se descerra
Sobre a fronte, que eu dobro humilde para a terra!
Que vai dizer, padrinho? Eu tremo... e quero ouvil-o!

D. Fuas

Os anjos do Senhor, da noite no sigillo,
Ouviram-te a chorar.

Maria

Os anjos, mais ninguem.

D. Fuas

Co'os anjos e comtigo outro chorou tambem

Maria

O Conde?

D. Fuas

Sim.

Maria

Pois sabe...? Oh! vergonha!... Oh! miseria!
Meu segredo trahiu-m'o a insomnia deleteria!
Sabe elle então que sempre, em funda catadupa
Rolando o meu pensar, outro o pensar me occupa!
Mas não sabe talvez, ai! quanto a minha offerta
Em dualidade infame o meu pudor desperta!
O amor ergueu-me um throno e assalta-me a vertigem,
Ao ver no fundo abysmo a treva sua origem!

Agora do remorso enloda-me a peçonha,
E se este amor é luz, por isso me envergonha!
Minha vida é chorar em magua permanente,
Chorar, chorar, chorar, desconsoladamente!
Um filho tive, alivio ás minhas tristes maguas,
Astro que vi no céu, perdi-la sobre as aguas!
N'um carvão negro e frio uma centelha corre,
E, n'um momento só, fulge, desmaia... e morre!

D. FUAS

O Conde não quizera, em bodas agri-doces,
Unir o nome ao teu, se d'elle indigna fosses.
Em terra vil a flor d'ella o perfume arranca,
E d'um remorso negro ergue-se um'alma branca!
Podem correr no fundo escuro d'um abysmo
Transparentes, lustraes, as aguas do baptismo!
Não mais chores, Maria! O Conde, teu vassallo...
Quer o teu filho...

MARIA

Deus!

D. FUAS

...trazer-te... e perfilhal-o!

MARIA

Que diz, ó meu padrinho? As lagrimas trasbordem!
Oh! deixem-me dormir! Do sonho não me acordem!
Viu-me no lodo, abriu-me os braços, enxugou-me,
D'oiro e sedas me ornou, vestiu, deu-me o seu nome!
E como se obra tal não fôra inda bastante,
Porque eu deixei perdido um fulgido brilhante,
— Ó coragem do amor, que a todas leva a palma! —
Traz-me o filho do meu peccado e da minh'alma!
Padrinho, antes morrer do que acordar do sonho!

D. FUAS

Socega, minha filha, e escuta o que proponho.
Se o Conde, um dia, emfim, te viu menos avara
Aos rogos seus d'amor, teu pae, que te obrigára,
Não sabe, quanta vez, o noivo irresoluto
Tive quasi vencido e no ultimo reducto!
Depois,... quando te via, adeus tenções, promessas!
Se és linda, e foram sempre as leis do amor expressas!
Mas, quando assim busquei destruir-te o pedestal,
Já sabia quem fôra o auctor de todo o mal.

MARIA

Sabia...! Oh! santo Deus, perdão!

D. FUAS

Vamos, coragem!

MARIA

Mas não pensou, não sabe em que infernal voragem
Nos pode mergulhar a dura e justa lei?

D. FUAS

Descança, filha; tenho a palavra d'El-Rei:
Mal vai quem se atrever, odiento ou vingativo,
Contra o meu filho amado, emquanto El-Rei fôr vivo.
Durma Guido tranquillo e o Conde, em vão proteste,
Ha de o nome ignorar do amante que tiveste!
Socega, minha filha; um dia, cedo, quando
Regressar da campanha o victorioso bando,
Teu peito ha de apertar o filho por que anceia.

Abraçando-a

Inda choras Maria? O amor não te gorgeia
Dentro d'alma, assim como um terno rouxinol?

MARIA

Tambem choramos quando olhamos para o sol!

SCENA X

Os mesmos, Antonia e Conde

Antonia, *entrando pelo braço do Conde*

O mal que me apouquenta, o mal que não me larga,
É feito d'impaciencia e de saudade amarga.
Irmão, que atroz saudade!

Conde

É justa, e nos comtigo
Soffremol-a tambem, do irmão, do velho amigo.

Antonia, *deixando o braço do Conde e sorrindo para D. Fuas*

O tio é quem melhor me sabe dar confiança;
Quando o escuto navego em mar todo bonança!

D. Fuas

Que mal receias tu? Não viste a nossa gente?
Que exercito ha mais bello, altivo e mais luzente?
Não viste, em cada rua, a flor da fidalguia,
D'oiro e prata coberta e d'armas á porfia,
Galan, guapa e gentil fazer seus caracoes?
Pois quantos mil vão lá são tantos mil heroes!

Antonia

Serão talvez.

D. Fuas

E El-Rei? Se a barba mal aponta
No rosto virginal, por Deus! isso que monta?
Vê-lhe a fronte radiosa, o olhar que a lucta inflamma!
Pague-lhe a fama em gloria o amor que tem á fama!

Viste a esquadra buscando ao sul praias remotas
Sumir-se, ao longe, como um bando de gaivotas?
E o sol posto doirava as alto-erguidas velas
Das urcas, náus, galés, galeões e caravelas!
No arraial da moirama ha terror á chegada!
Um só lá falta, um só, mas, contra a canzoada,
D. Guido offuscará co'as mil façanhas suas
As d'Orlando, Amadis, Beliánis e D. Fuas!

ANTONIA, *rindo*

Quero uma historia nossa, alegre e que me anime;
Não quero contos vãos, de todos esqueci-me.

D. FUAS

Uma façanha minha? A grande!... A derradeira!

ANTONIA, *imitando os modos marciaes de D. Fuas*

De quando até chispava o fogo da viseira?

Rindo

Conheço-a. Tambem não.

Para o Conde e Maria

Porque heis de andar tão tristes?
Más novas haveis tido, ou noite má dormistes?
Algum fogo na herdade? Arruinaram-se as messes?

Para Maria

Porque andas triste?

MARIA

Ó minha irmã, se tu soubesses...!
Se em mim pudesses vêr, dentro em minh'alma acháras
A luz que roubo ao sol nas madrugadas claras!

ANTONIA, *para o Conde*

E tu?

CONDE

Querida irmã, responde-te o meu rosto.

Antonia, *fitando os olhos ora em Maria, ora no Conde*

E é certo! Teem razão! Nem laivos d'um desgosto!

D. Fuas, *marcialmente*

A est'hora a nossa gente ha feito mais matança,
Que Rodamonte ao pé da capital da França!

Antonia, *imitando-lhe o tom*

Silencio!

Para Maria

Vai nascer-te um filho!... Eis o motivo
D'essa estranha alegria.

Maria

Oh! sim! que até revivo!

Para o Conde

Vê que estrella será, pois que, inda na penumbra,
Só co'o vivo arrebol todo o meu céu deslumbra!

Conde, *para Maria*

Depois, quando homem fôr, e doce, unico amparo
Da velhice dos paes, ao nosso amor tão caro
Dirás como foi bello este nascer da aurora!

Antonia

Um filho! Um filho nosso...! Ai, quem m'o dera agora!
Valente como o pae, bulhento, audaz, traquinas,
Muito meigo co'a mãe, terror entre as meninas...
Cada qual a fugir, gritando: — «quem me acode!»
Um lindo militar, D. Fuas sem bigode!

D. Fuas

Espera que inda é tempo.

ANTONIA

Adoro as criancinhas,
Chilreando em doce ninho, alegres andorinhas!
O balbuciar d'um nome, os seus primeiros passos
Incertos, quando veem cahir em nossos braços!
O olhar que a noite apaga e cerra no conchego
Da luz d'um outro olhar! Beatissimo socego!

CONDE

Alguma certo amou quem d'ellas tão bem fala!

ANTONIA

E primeiro pensei que havia de odial-a...
Porque t'o hei de esconder?... Um filho do meu Guido.

MARIA, *com surpreza e subitamente interessada*

Ah!

CONDE, *ironicamente reprehensivo*

Mas então não foi tão santo o teu marido!

ANTONIA

Se foi santo?... Olhae quem! Mas fôra até peccado
Deixar por esse mundo o triste abandonado!
Ralhei muito, chorei, queixei-me da miseria,
E a prenda recebi, trombuda e muito séria!
Mas era tão gentil, que presto me consólo,
E logo n'essa noite o adormeci no cólo!

CONDE

Era o perdão!

ANTONIA

Cresceu. Palrava muito. Um dia
Chamou-me sua mãe! Pobre innocente...! E ria
Ao ver nos olhos meus das lagrimas o brilho!

CONDE

Morrêra a mãe?

ANTONIA

Não sei; morrêra para o filho!

D. FUAS, *tentando desviar a conversação, comicamente*

Se triste principia a tal conversação,
Eu protesto ou desato a cantar cantochão!

MARIA, *supplicante*

Deixe-me ouvir, padrinho!

ANTONIA, *abraçando Maria pela cintura e sentando-a junto d'ella*

Eu propria lhe ensinára
A appellidar-me assim n'essa harmonia cara;
Mas quando, em mim fitando os olhos, co'um sorriso,
Os braços estendendo aos meus, lindo, indeciso,
Innocente, lhe ouvi dizer-me *minha mãe*,
Julguei ter feito um crime, estar roubando alguem!

CONDE

Que santo coração!

ANTONIA

Pois se aprendi comtigo!
Mas quasi merecia esse appellido amigo.
Benta culpa de amor, que assim me foi doando
Um anjo para amar!... Meu Fernando!

MARIA, *enlevada*

Fernando!

ANTONIA

Foi crescendo entre nós. Amava-o, elle adorou-me!
Ensinei-lhe a rezar pela outra, a tal sem nome.

Punha-se o céu mais claro ao vel-o andar sorrindo.
E crescia robusto, alegre, meigo e lindo!
Com seu pae talvez fosse a semilhança pouca...

Affirmando-se em Maria

Talvez comtigo mais,... nos olhos, sim... na bocca...
Um anjo, como Deus ao mundo não consente!
Adoeceu, faz um anno agora, gravemente...

MARIA, *com um grito de dôr*

Meu Deus!

CONDE, *afflicto*

Que tens, Maria?

D. FUAS, *para Antonia, bruscamente*

És tu que assim consternas
A tua pobre irmã, contando historias ternas.

CONDE, *para Maria*

N'esse estado, .. e hoje... ouvir...!

Para Antonia

Cala-te, minha tonta!

MARIA, *supplicando*

Deixem-me ouvir!... Se eu quero ouvir!...

Anciosamente

Conta, irmã,... conta!

CONDE

Maria!

MARIA

Por piedade!

ANTONIA

Atroz doença aquella!
As noites que passei, longas, crueis, de vêla,
Ao pé do berço, doida, a afugentar a morte,
Em brados exhortando a Deus que me conforte!

Co'a face junto á d'elle, a febre, que o abrasava,
Sentia-a no meu rosto egual á ardente lava!
A cabeça a bulir, n'um menear d'agoiro,
Roçava pelos meus os seus cabellos d'oiro.
Luctámos contra a febre em continuado assedio.
Uma noite acordou melhor... Dei-lhe o remedio...
Conheceu-me, sorriu-se... e adormeceu tranquillo.

MARIA

Era salvo!

CONDE

Inda bem!

D. FUAS

Contou-nos tudo aquillo
Com vista ao nosso applauso!

Para Antonia, bruscamente

Antonia, Deus te ajude!

ANTONIA, *tristemente*

A sabida e cruel visita da saude!
Já cançada da luta, ao fim de tantas horas,
Adormecêra ali, confiada nas melhoras.
De repente estremeço...! Acorda-me um rugido...!
Ergo-me em pé, tremendo!... Olho!... Deus! Vejo Guido
Dobrado sobre o leito, aos gritos, como um louco!
Pobre Fernando! Estrella erguida e morta em pouco!
Tinha impressa na face a morte em todo o horror!
Os olhos já sem brilho...! Os labios já sem côr!
Chorando, agarro-o assim...

Abraça-se a Maria

Nos braços meus o estreito...
A cabeça vergou... Morreu... sobre o meu peito!...

Maria deixa cahir a cabeça sobre o peito de Antonia e desmaia

D. Fuas, approximando-se e vendo Maria desmaiada

Meu Deus!

Antonia, sobresaltada, afflicta, erguendo a cabeça de Maria

Maria!

D. Fuas

Vês? A historia continua!

Conde

Maria!

Antonia

Santo Deus!

D. Fuas

Que doida historia a tua!

SCENA XI

Os mesmos, Gaspar e Caterina

Gaspar, entrando com Caterina

Ouvi gritar...!

Caterina

Que foi?

D Fuas, apontando para Antonia

So culpa d'esta gralha...!

Para Gaspar

Um desmaio tão so.

Caterina

Nosso Senhor nos valha!

D. Fuas, procurando socegar Gaspar e o Conde

N'este estado é vulgar.

Antonia

Meu Deus!... Se adivinhasse...!

Gaspar

Minha filha!

D. Fuas

Já passa; a côr já volta á face!

Conde, *de joelhos aos pés de Maria*

Ó minha esposa, acorda! Escuta, que te imploro!
Já volta a si...! Maria!

Maria, *acordando*

Ah! Ruy! Como eu te adoro!

Lança-se nos braços do Conde, beijando-o

D. Fuas

Vamos, Gaspar, Antonia, ao quarto acompanhae-a,

Para Caterina

E, como prevenção, se inda outra vez desmaia...
Ao phisico vai tu,... que venha muita asinha.

Caterina sae correndo. Gaspar e Antonia sahem amparando Maria

Gaspar

Minha filha!

Antonia

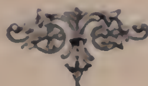
Maria...! A culpa foi só minha!

SCENA XII

D. FUAS E CONDE

CONDE

D. Fuas, vai nascer o dia por que almejo!
Abraçando-se commovido a D. Fuas
Maria deu-me agora o seu primeiro beijo!





ACTO V

A mesma vista do 4.º acto

SCENA I

CATERINA E ANTONIA

Encontram-se na sala, Caterina vindo de fora, Antonia dos aposentos de D. Fuas, á esquerda.

ANTONIA

Que novas, Caterina?

CATERINA

Ai, tristes, sempre as mesmas!

ANTONIA

Ouvi gemer de noite as negras aventesmas,
Funestas esvoaçando em torno d'esta casa!
Dolorosamente
Oh! meu Guido!

CATERINA, *abraçando-a, chorosa*

Senhora!

ANTONIA

Até que Deus lhe apraza
A duvida acabar, que duvida nos fere!
Que ouvistes mais d'El-Rei?

CATERINA

Mais nada se refere.
Em Alcacer-Kibir ficou morto ou captivo.

ANTONIA

De mim propria não sei se morta estou, se vivo.
As iras do Senhor o pranto nosso abrande!

CATERINA

E o senhor Conde?

ANTONIA

E' como um doido...! O mal é grande..
E a culpa é minha! Viste a angelical Maria
No delirio medonho, as frazes que gemia . . !
E o Ruy co'os olhos n'ella, arcados, pertinazes,
Como a ver se aclarava o enigma d'essas frazes!
Que mal hão feito a Deus, que tão cruel lacera
No ventre maternal o filho que lhes dera?...
Ah! como tudo agora á magua nos convida!
N'elles o filho morto ind'antes de ter vida,
Em mim saudade, em ti... Vejo as lagrimas tuas!
E meu tio a expirar...!

CATERINA

Pobre senhor D. Fuas!
Co'os demos arde emfim quem todo o mal nos trouxe!

Antonia

Que dizes Caterina?

Caterina

Esse elixir não fosse
Invento d'um marrano...! A Deus já foi dar contas
O agoirento judeu que nos cuspia affrontas.

Antonia

Beltrão...?

Caterina

Sim. Deu-lhe o mal, cahiu sobre a fogueira;
A Sancha ao lado. Os dois, não falta quem lhes queira,
Pois nunca na charneca houveram sem estorvos
Banquete egual áquelle os lobos nem os corvos.

SCENA II

Os mesmos, Conde e Maria

Maria mui'o pallida, caminhando vagarosamente, entra amparada pelo Conde

Antonia, *indo ter com Maria*

Vaes melhor?

Maria

Sim, melhor. E o meu padrinho, irmã?

Antonia

Só teve algum descanço agora de manhã.
Passou mal toda a noite, aos gritos ou gemendo,
Em doidas convulsões ou n'um delirio horrendo.
O veneno é cruel e sua ardencia tanta,
Que a mesma agua o desperta e é lume na garganta.

CONDE

Feliz D. Fuas! Deus poupou-lhe a desventura
De ver que funda magua as almas nos tortura.

MARIA

Se era um santo, e Deus quer premeal-o inda na terra!
No delirio em que fala!

ANTONIA

Em glorias só, na guerra!

MARIA

O meu santo padrinho! Ha de morrer sonhando
Como viveu no mundo!

ANTONIA, *com ternura*

E's tão bondosa! Quando
Injusta a desventura agora te alanceia,
Olvidas o teu mal pela desgraça alheia!
Deus velará por ti.

CATERINA

Por todos nós, se é justo.

CONDE

Amen.

MARIA

Tu, Caterina, aos pés do throno augusto,
Resa por nós, tu que es tão simples! Vem comigo,
Quero beijar a mão d'esse infeliz amigo.

Sae amparada por Caterina para os lados dos aposentos de D. Fuas.

SCENA III

Conde e Antonia

Conde, soturnamente, como falando comsigo

Lodo, aborto, embrião d'um sonho afortunado,
Que apodrece onde quer, fóra do chão sagrado!
Minh'alma, tu que ouviste as harpas desferindo
O som divino em mãos d'um anjo malavindo,
Agora, como o vento em frinchas d'uma porta,
Canta só ruina e dôr, triste alma semi-morta!

Antonia

Irmão, Deus quer assim punir-nos. Seja feita
A divina vontade.

Conde

O espectro que tregeita,
A rir-se toda a noite ..! Ah! sorte minha! Invejo
A vibora que morde e os sapos vis do brejo!
Oh! dá-me a tua sciencia, ó filho d'Asmodeu,
Bicho immundo, Beltrão, miserrimo judeu!

Antonia

Resa por elle. A Deus já foi dar contas.

Conde

Morto...!
Veneno a que a minh'alma ia pedir conforto!
Mas então... se El-Rei vive!....

Antonia, *com pavor*

Enlouqueceste!

CONDE, *delirante*

Inferno!
Possa o mundo arrastar á treva onde me interno!
Nuvens, tapae-me o sol! Descei, famintos corvos!
Fartae, chacaes, no sangue em demorados sorvos!
Demonios, ide ao ceu roubar milhões de raios!
Rei, fidalgos, irmãos,... demonios, esmagae-os!

ANTONIA

Contra Deus, contra mim, peccaste, irmão blasphemo!
Dolorosamente
Guido! meu Guido!

SCENA IV

OS MESMOS E D. GUIDO

D. Guido assoma á porta. Vem esfarrapado; tem na testa uma grande cicatriz mal fechada, a barba crescida, uma mecha de cabellos brancos

D. GUIDO, *á porta*

Antonia...!

ANTONIA, *cahindo nos braços de D. Guido com um grito de alegria*

Oh! jubilo supremo!
Ficam longo tempo abraçados.

CONDE

D. Fuas morre alegre!

ANTONIA

E's o meu Guido!... Esposo!
Vida da minha vida!

D. GUIDO

Antonia, emfim repouso!
Tão feliz ora sou, quão desgraçado fui!

ANTONIA

Renasço á vida!
Para o Conde
Irmão, vem abraçal-o.

D. GUIDO

Ruy!

CONDE

Guido!

D. GUIDO

Quero abraçar-te. Ai, quanta vez inquieto
Pulsou meu coração com fraternal affecto!

CONDE, *abraçando-o*

Agora pulsa o meu com fraternaes arrancos.

ANTONIA

Que funda cicatriz! Veem teus cabellos brancos!

D. GUIDO

Soffri tanto! Só poz um termo ao meu fadario
Ver alvejar ao longe o nosso campanario!

CONDE

Trahiu-te o coração! Teu velho tio...

D. GUIDO, *assustado*

E' morto...?

ANTONIA

Inda o sol ha de ver antes de entrar no porto,

Onde o Senhor concede aos seus a paz bemquista.
Se em teu peito expirar, da terra os ceus avista!

D. GUIDO

Tudo ignora da guerra?

CONDE

E em sonhos se recreia!

D. GUIDO

O' nobre cavalleiro, é Deus quem te premeia!
Vaes morrer, meu bom velho, e sem talvez suppores
Que vergonhas passei, que lastimas, que horrores!
Quasi ao fim da batalha, achei-me junto ao rio,
O escudo já perdido, a espada já sem fio.
Quiz vender cara a vida e a força abandonou-me!
Não, cobarde não fui, não quero um tal cognome!
Cahi, banhado em sangue! E mais... depois... não sei...
Passei talvez por morto. Alta noite, acordei...
Ardia em febre... Fui de rastos beber agua...
Horror!... Sabia a sangue! Oh! dôr!.. Profunda magoa!
Mas n'isto, ouvi falar em castelhano...! Ergui me...
Perdôe-lhes Deus clemente o detestavel crime!
Dois renegados! E eu, que só pedia a morte,
Achei n'elles conforto e do da minha sorte!
Deram-me agua e dois pães. Fugi. De dia occulto,
Só caminhava á noite. Arzila avisto!.. . Exulto!
Milagre! Pude entrar! A vossa ardente prece
Aos ceus voou! Minh'alma aqui vos agradece!

ANTONIA

Doidas visões de gloria onde paraes?

D. GUIDO

Em ruina,
Ao sopro assolador da punição divina!
Longos dias, ao sol, pisando um chão de lume,
Caminhámos com fé, sem laivos d'um queixume.
Formada em meia lua a gente moira espera.
Quantos mais, e mais pura a gloria se obtivera!
Investindo co'ardor, bradavamos: — «Victoria!»
Um brado só: — «Ter! ter!» mostrou-nos que illusoria
Persuasão nos levára aos campos dos Algarves!
Gente bisonha e pouca entre milhões de alarves!
Cercada, sempre em lucta, á doida, sem commando...!
A cada moiro em terra aos mil vinham brotando!
Põe fogo uma faisca ás munições...! O estrondo
Da polvora é medonho, á confusão dispondo!
Ah! ver assim nas mãos d'um perro sem temor
A bandeira que ostenta as chagas do Senhor!

CONDE, *anciosamente*

E El-Rei?

D. GUIDO

Pouco antes de eu cahir pude inda vel-o,
As mãos em sangue, o rosto em brasa, hirto o cabello!
Tres vezes investiu, deixou quatro cavallos
Mortos no campo, surdo á voz de seus vassallos.
Pediam-lhe a chorar que se rendesse aos moiros...
Perguntou-lhe um de nós, chovendo mil peloiros:
— «Que faremos que em dôr tamanha nos conforte?»
E El-Rei disse: — «Morrer!»

CONDE

E em busca foi da morte?

D. GUIDO

Como um suicida? Não! que tão leal soldado

Jamais deu pela patria um sangue mais honrado.
El-Rei disse: — «Morrer!» e forte, ao ver chorar,
Accrescentou depois: — «Morrer!... mas de vagar!»
E lá se foi, correndo, ousado, pelos cerros,
Abrindo larga sanja entre os arcados perros!

ANTONIA

Ah! nobre sangue altivo! Alma de heroe! Criança
Em cuja fronte o loiro á flor do liz se entrança!

CONDE

Mais novas não tiveste?

D. GUIDO

Amargas tive, quando
De Lisboa parti, que lá ficou chorando.
E' morto El-Rei!

CONDE, *arrebatadamente*

Porfim!

D. GUIDO

A patria moribunda
O inferno a encheu de luto, o céu de gloria a inunda!
Com teu sangue immortal gravaste o nome agora!
Africa é vasto livro, o sangue é côr da aurora!
Deu-te ingresso na morte um arco triumfal!
E que importa morrer? Que importa, ó Portugal?
De rastros, nunca!... Livra a nitida mortalha
Da poeira do chão, do escarro da canalha!

ANTONIA

A minha vida é tua, é minha a tua vida!
Verás como entre nós encontra a paz guarida.

D. Gomes

Ó minha Antonia, és como a estrella que fulgura
Quando a nuvem se rasga em tempestade escura!

Conde, *abraçando-o*

Em meus braços te acolhe e a tua dôr modera!
Meu pobre irmão, descança. A paz aqui te espera!

SCENA V

Os mesmos, um familiar do santo officio, um meirinho e quatro alguazis

O familiar, *á porta*

Senhor Conde.

Conde, *admirado*

Senhor!

O familiar

Ordens d'El-Rei.

Conde

Mas qual?

O familiar

D. Henrique primeiro, El-Rei de Portugal.

Conde

Falae, senhor.

D. Gomes, *aterrorisado, baixo a Antonia*

Antonia, esse homem negro ...!

O familiar

Ouvi-me.
Sou familiar do Santo Officio. Impune o crime
Não quiz Deus que ficasse. El-Rei dá cumprimento
Tão submisso ao dever, qual fora ao juramento.
Mas sendo o reu parente e amigo vosso, ordena
Que vós sómente ao crime applicareis a pena,
Ou perdoareis ao reu. Cumprido o meu recado,
Eis a carta d'El Rei. Castigue-se o culpado.

Entrega uma carta ao Conde.

D. Guido, *arrebatadamente, para o Conde*

Não leias essa carta!

Conde

E' d'El-Rei, meu Senhor.

Antonia

Virgem santa!

Conde, *lendo baixo, apenas pronunciando alto uma ou outra palavra*

«D. Guido... audaz crime d'amor...
Judaísou...!»

D. Guido

Por Deus! irmão, por Deus! Não leias!

Conde, *serenamente*

Estás em minha casa. Então que mal receias?
Pois não remiste a culpa, expondo a vida ás lanças,
Em terra d'infieis, martyr, se a morte alcanças?

D. Guido

Confesso a culpa! Quero a morte!... Por piedade,
Dá-me essa carta, Ruy... ! Não leias!...

ANTONIA

Ninguem ha de
Culpar-te aqui, meu Guido!

CONDE

El-Rei deixa ao meu voto
O castigo ou perdão d'um crime tão remoto.
Trahir-te...! Em minha casa...! Offende um tal doesto!

Voltando-se para o familiar

Decerto El-Rei não quer...

O FAMILIAR

Mas, Conde, lêde o resto.

D. GUIDO, *abraçando-se a Antonia*

Oh! meu Deus!... Minha Antonia!

CONDE, *continuando a ler*

«Assim poude infamar...»

D. GUIDO

Perdão! Perdão!

CONDE

...«Maria,... a filha de Gaspar...!»

Deitando fora a carta

Ah!... finalmente!

Para D. Guido

Infame!

ANTONIA

Esposo, o que fizeste!

CONDE

Puderas bem morrer, cobarde não quizeste!

E agora tremes, cão, do lume que te aguarda!
Alma em girias fecunda, em brio além bastarda!
Tu que assim deshonraste a casa em que te hospedas,
Com teu halito damnado ateaste as labaredas!
Mataste o filho meu! Para chorar é tarde!
Nas chammas, scelerado, has de morrer... cobarde!

D. GUIDO, *gritando*

Ruy!... Ruy!

D. DIAS, *dentro*

Guido!

D. GUIDO

Meu Deus!... Ah! pobre velho!

ANTONIA, *ajoelhando*

Irmão!

Por esse que ali morre... acorda o teu perdão!

SCENA VI

OS MESMOS E MARIA

MARIA, *entrando, afflicta*

Soccorro, que eu não posso...! Ouvi-vos... No delirio...
Como um raio de luz...

CONDE

É findo o seu martyrio,
O meu findou tambem! Teu velho amor, Maria,
Accende uma fogueira!... Ha sol!... Já nasce o dia!

Maria

Senhor!... Misericordia!

Conde

O nosso algoz, mulher,

O algoz do nosso filho!

Soturnamente

É Deus que assim o quer!

SCENA VII

Os mesmos e D. Fuas

D. Fuas, com o rosto cadaverico, os olhos encovados, mal arrastando as pernas, assoma á porta da sala, onde para e d'onde fala a D. Guido.

D. Fuas

Salve-te Deus, sobrinho!

D. Guido

Oh! dor!... Cruel instante!

Correndo para D. Fuas que abraça e conduz amparado nos braços

Meu tio!

D. Fuas

Estás ferido...! Aqui! Mas por diante!

Ampara-me, sobrinho, e conta-me a victoria.

D. Guido

Fomos dignos de vós, dignos de eterna historia!

D. FUAS, *delirante*

Gente ousada, correi! Victoria! . . Olá, canalha
Baixa e soez, deserta o campo da batalha!
Sus! É dar-lhes sem dó! No chão rojam-se os sapos!
Foge o moiro pendão desfeito em mil farrapos!
Pendão das quinas, salve! A tremular, jucundo,
D'Arzila ao Cabo vôa, ensombra meio mundo!
De par em par abriste á gloria novas portas!
Comtigo a fé christã, comtigo a luz transportas!
Ó lusa gente, heroes...! Ás armas, sentinellas...!
Bradae victoria ao céu! Soprae nas charamellas!

Exhausto de forças, rouco, co'as pernas fraquejando, cai sobre uma cadeira, desmaiado. Antonia, Maria e D. Guido ajoelham junto d'elle

CONDE, *soturnamente*

Invejo, vencedor, as glorias do vencido!

O FAMILIAR, *avançando*

Senhor Conde...

CONDE, *vendo que D. Fuas abre os olhos, impondo silencio ao familiar*

Inda não.

D. FUAS, *expirante*

Maria,... Antonia,... Guido...
A gangrena já sobe... Amei de mais!... Vós, Conde,...
Aqui... todos... A morte aos olhos meus esconde
Os vossos rostos!... Patria, adeus! Morro sem laivos
De vergonha!... Vós... sois irmãos... Irmãos,... amae-vos!
Se fordes bons, vereis que é bom tambem... morrer!

Antonia e Maria ficam de joelhos junto ao cadaver de D. Fuas. O Conde e D. Guido erguem-se lentamente

O FAMILIAR, *para o Conde*

Ordenae.

MARIA

Ruy!

ANTONIA

Meu Ruy!

CONDE, *para o familiar, apontando para D. Guido*

Cumpri vosso dever.



ERRATAS

Na pagina 16 verso 21 onde se lê — d'uns — leia-se — d'esses.
» » 47 » 9 » » » — novo — » — nono.

Acabado de imprimir
aos 23 de novembro de 1895
na Imprensa de Libanio da Silva
Rua do Norte, 91
Lisboa

PREÇO 500 RÉIS

BIBLIOTHECA DRAMATICA DA «REVISTA THEATRAL»

Peças publicadas:

N.º 1 — **Saltimbanco**, drama em 4 actos, original de *[illegible]*, com o retrato do auctor [illegible]

N.º 2 — **Paraizo conquistado**, [illegible] em 1 acto em verso, original de *Lopes de Mendonça* [illegible]

N.º 3 — **Ciume com ciume se paga**, comedia em 1 acto, original de *[illegible]* [illegible]

N.º 4 — **Jucunda**, comedia em 3 actos, original de *Abel [illegible]*, com o retrato do auctor em folha separada [illegible]

N.º 5 — **Alcacer-Kibir**, drama historico em verso, em 5 actos, original de *D. João da Camara*, com o retrato do auctor em folha separada [illegible]

Estas peças são todas distribuidas **gratuitamente**, em folhetos, aos assignantes e leitores da *REVISTA THEATRAL*.

A REVISTA THEATRAL

continua a publicar-se quinzenalmente, dando por um preço [illegible] correspondente a perto de [illegible] paginas em 8.º de [illegible] e offerecendo **gratuitamente** aos seus leitores uma *Bibliotheca Dramatica*. Já publicou o *SALTIMBANCO*, o *PARAIZO CONQUISTADO*, o *CIUME COM CIUME SE PAGA*, a *JUCUNDA* e o *ALCACER-KIBIR*.

Assigna-se na

RUA DO CARMO, [illegible] — LISBOA



